

Rev.

1123
1123



7.

REVISTA CONTEMPORANEA

COMPR
— JUL 1939

DE

PORTUGAL E BRAZIL

Quarto anno

ABRIL DE 1862

*Antonio José de Sá,
Engenheiro.*

R: 31.214



IV

LISBOA

Escriptorio da REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL,
Calçada do Sacramento n. 7, sobre-loja.

1864



Small illegible mark or stamp at the top right.

REPUBLICA PORTUGUEZA

REPUBLICA PORTUGUEZA
1911

REPUBLICA PORTUGUEZA

REPUBLICA

REPUBLICA

LISBOA—TYP. FRANCO-PORTUGUEZA—Rua do Thesouro Velho n. 6.

REPUBLICA

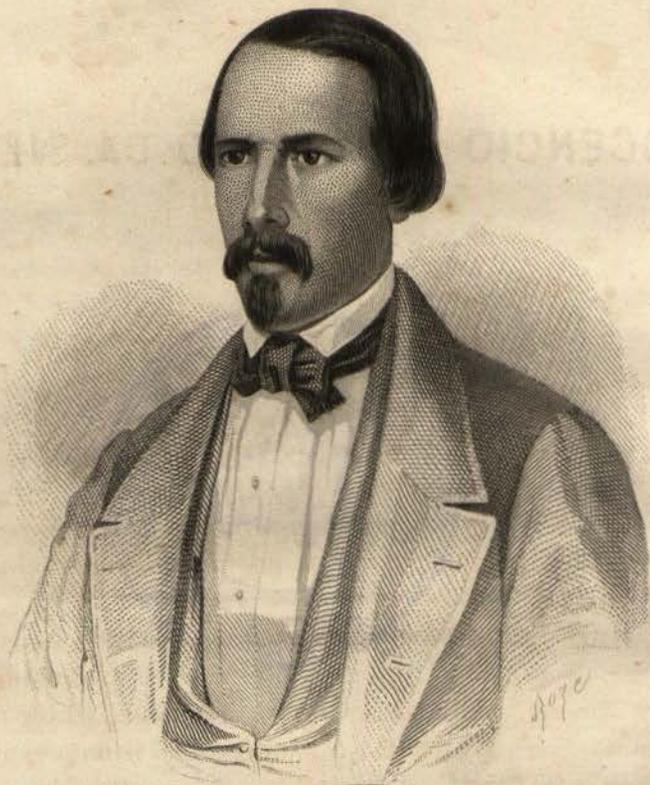


LISBOA

REPUBLICA PORTUGUEZA

LISBOA





Innocencio Francisco da Silva

Est. d'Almeida & Co. de L^o

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA



I
epois da publicação da *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, andaram pouco favorecidos os trabalhos bibliographicos, com quanto bons engenhos manifestassem em escriptos d'este genero a legitima ambição, e o desejo saudoso de irem devassando a vasta provincia litteraria de que apenas tinham caminhado alguns escasos kilometros.

Careciam emendados, refundidos e accrescentados os volumes do erudito abbade, mas ninguem ousava pôr hombros a tão longa e trabalhosa empresa. Faltavam editores a quem não intimidassem, nem as enormes despezas de obra tão avultada, nem o consumo limitado e lento que forçosamente viria a ter. Mecenas sempre foram raros. Tambem agora os Horacios são tantos que não póde haver protectores sufficientes para tamanho numero de protegidos.

Descorçoavam os proprios auctores considerando quão penosa lide era examinar todos o productos da nossa fertilissima lavra

litteraria, colligir nomes, averiguar noticias, vencer a modestia de uns, resistir á vaidade de outros, combater a preguiça de todos, verificar datas, comparar opiniões oppostas, destruir crenças erroneas, examinar variadas edições do mesmo livro, confrontal-as entre si, desentranhar d'ellas as fraudes dos auctores e dos editores, e formar o inventario completo das nossas riquezas litterarias, que são a unica corôa de louros que o tempo tem respeitado na frente do nosso decahido Portugal.

E com rasão descorçoavam porque ao cabo de tão grandes fadigas, não faltaria quem viesse mofar do empenho, dar o nome ridiculo de *sciencia de livreiro* a todas as investigações ácerca do assumpto, e diminuir com o epitheto de *compilador* o merecimento de tamanha obra.

Acenavam de outro lado a quem desprezasse estas considerações, as faceis glorias de varios generos de trabalho, em que para alcançar credito basta a vontade desajudada das outras duas potencias da alma, das quaes o entendimento passa por ser absolutamente inutil para o caso.

Com vontade energica, bastante atrevimento, prudente ignorancia, e certidão de não ter frequentado aula de grammatica póde um homem chegar a tudo o que lhe não pertence, e abandonar o limbo da mediocridade em que o collocou a providencia e em que a abundancia do numero o trazia constrangido e apertado.

Por inutil tinham similhante empreza muitos entendimentos conspicuos. Que importa saber quem foram os nossos auctores mais distinctos, quaes as circumstancias que déram honra e reputação aos seus nomes, e que obras escreveram ou publicaram? Não carece de tal subsidio a civilisação novissima. Como a deusa da fabula nasceu completamente armada da cabeça dos seus creadores. É *proles sine matre creata*, como dizia José Agostinho de Macedo no prologo da *Viagem Extatica ao Templo da Sabedoria*.

Estava pois quasi deserto e em grande parte inculto o largo terreno destinado á bibliographia portugueza, quando surgiu n'elle cultivador assiduo e dotado com as qualidades e resignação indispensaveis para addir a herança ha tantos annos jacente de Barbosa Machado. Era grande o encargo. O homem igualmente. E por isso o acceitou sem arrogancia, mas com desasombro.

Encontrou a obra no governo a protecção a que tinha inquestionavel direito tão proficuo trabalho, e saiu á luz nitidamente impresso, como todos os livros da nossa imprensa nacional, o

1.º volume do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, do que se está hoje imprimindo o 6.º tomo. A imprensa nacional é tambem uma das glorias portuguezas, graças a quem tão esmeradamente a dirige, e ao governo que n'elle pôz confiança.

Era quasi desconhecido o auctor. As boas disposições anteriores não lhe prepararam acolhimento enthusiastico. A opinião publica julgou com imparcialidade o livro, e quem o preparára e escrevêra. D'aquelle disse que era bom e util. D'este asseverou que era intelligente, trabalhador, ajuizado e patriota.

Não se limitou ao nosso paiz esta apreciação benevola. Talvez ainda foi mais decisiva e lisongeira nas terras affastadas de Portugal, onde raras vezes chegam notícias exactas dos nossos esforços litterarios. A Europa e a America celebraram o intento, approvaram a execução e louvaram unanimemente o auctor.

Desde esse dia o nome do sr. Innocencio Francisco da Silva, honrado desde a velha Moscow até ao Rio de Janeiro, foi inscripto no livro de ouro da nossa republica litteraria no avantajado logar que lhe compete. De que não apparecesse logo na *Revista Contemporanea*, é minha a culpa involuntaria.

Era forte o desejo de cumprir o encargo que mui gostosamente acceitára, porém muito mais vigorosos foram os impedimentos da minha laboriosa vida, e de tal maneira cresceram e se amontoaram, que cheguei quasi a perder a esperanza de encontrar occasião em que dêsse aos leitores da *Revista* os succintos e rapidos apontamentos que lhes posso offerecer hoje.

Outros dirão melhor o que o homem vale, e o muito para que é como escriptor. Eu narrarei singelamente algumas noticias ácerca da sua vida, indicarei a serie dos seus trabalhos, e apontarei os escriptos inéditos de que o publico está esperando com interesse a divulgação pela imprensa.

II

O sr. Innocencio Francisco da Silva, nasceu em Lisboa a 28 de setembro de 1810. Seu pae, commerciante pouco abastado e official de ordenanças, foi o mestre que lhe deu as primeiras noções do saber humano, tão bem aproveitadas que desde os primeiros annos não houve mais curioso e infatigavel amigo da leitura entre os mancebõs da idade do educando.

Encontrou no limiar do templo das letras os livros que n'esse tempo eram mais apreciados em Portugal, a traducção do *Telmaco*, por Pereira e Sousa, e o *Feliz Independente*, do padre Theodoro d'Almeida, que já não são moda, o *Gil Braz*, de Le

Sage, que o ha ser em quanto houver bom gosto litterario, e a *Historia Sagrada* de Royaumont, assim como a *Vida de D. Nuno Alvares Pereira*, por fr. Domingos Teixeira, já menos lidas então, e hoje quasi inteiramente esquecidas.

Desde 1825 até 1830 estudou desenho, humanidades, lingua franceza, e frequentou durante dois annos o curso da aula do commercio, intercallando estes trabalhos com leituras dos principaes philosophos do seculo passado. Rousseau, Volney e Raynal, eram os que mais lhe agradavam, e segundo pessoa bem informada e competente, as impiedades de Voltaire sempre lhe foram pouco acceitas.

De 1830 a 1833 seguiu o curso mathematico da Academia Real de Marinha. No primeiro e no segundo anno obteve premios. No terceiro em que não os havia mereceu distincção honrosa.

N'essa época entrára em Lisboa o duque da Terceira, victorioso das tropas realistas, e principiára a organizar a guarnição que devia defender dos inimigos ainda numerosos, tão preciosa conquista. O sr. Innocencio assentou praça no 4.º batalhão Movel, no qual serviu de official inferior com satisfação e louvor dos seus chefes.

Seu pae, cuja fortuna diminuiu ainda antes de 1830, estava então velho, cego e paralytico. Os encargos da familia pesavam todos sobre o joven voluntario liberal, cuja intelligencia, instrucção e animo determinado, o habilitavam a cumpril-os todos.

Apróveitando os estudos anteriores dedicou-se a leccionar estudantes da Academia de Marinha e da Aula de Commercio, e n'este exercicio obteve excellentes creditos desde 1834 até 1837. De certo não eram menores os que tinha como cidadão, pois que os seus camaradas da Guarda Nacional, por esse tempo o elegeram capitão.

Obteve então um amigo que o administrador geral de Lisboa convidasse o sr. Innocencio para ser amanuense extraordinario ou temporario da sua secretaria, com vencimento de dez tostões nos dias uteis. N'esta collocação se conservou até 1842, em que o despacharam amanuense de segunda classe, vindo só a alcançar em 1851 accesso á primeira. Nos vinte e cinco annos que tem passado no governo civil a escrever mais de vinte e seis mil cartas e officios, soube o sr. Innocencio adquirir e conservar o conceito dos chefes, e merecer-lhes louvores, assim pelo serviço feito na repartição de fazenda, onde esteve até 1848, como pelo que prestou na repartição da policia, segurança e salubridade publica, a que hoje pertence. Ha pouco foi-lhe conferida a graduação de official, porém sem accesso.

Na carreira publica do sr. Innocencio Francisco da Silva, se póde notar quão difficil é em Portugal a um empregado intelligente, instruido e probo, o accesso aos logares de maior gradação e importancia, não porque os governos não estimem a probidade, a intelligencia e a instrucção — nem elles andam a procurar outra coisa — mas talvez porque estas qualidades são tão vulgares que só com ellas não se vae longe.

Já sabe o leitor quaes são as habilitações do sr. Innocencio, e os seus annos de serviço. Pois ainda é hoje official graduado do governo civil de Lisboa, e sem accesso! É facil imaginar que homens de elevada esphera e de genio superior não tem a administração publica, desde aquelle emprego até aos mais elevados. Exultemos de jubilo. Não ha nação que n'este ponto nos leve a palma.

III

O empregado subalterno do governo civil de Lisboa, não gastava o tempo unicamente a copiar officios ou a escrever editaes a respeito das eventualidades administrativas da capital. Nas horas que lhe restavam depois de preenchidas as suas obrigações, meditava levantar á sua patria um monumento duradouro e util, que satisfazendo os desejos dos homens de letras, legasse ás gerações futuras o nome do architecto, como titulo de honra e gloria nacional.

Só assim sabe vingar-se dos azares da sorte e das injustiças dos homens o verdadeiro merecimento.

Durante muitos annos foi o sr. Innocencio preparando os materiaes para a sua obra, manuseando larga cópia de livros, adquirindo grande porção d'elles, estudando os modelos bibliographicos, investigando as questões e duvidas que a cada passo lhe surgiam, e luctando com difficuldades que teriam desanimado qualquer espirito menos vigoroso e persistente.

Em outubro de 1858, saiu á luz da Imprensa Nacional, a expensas do governo portuguez, o primeiro volume do *Diccionario Bibliographico*, e já a esse tempo a Academia Real das Sciencias, escolhéra o auctor para seu socio correspondente. Appareceu o segundo volume em junho de 1859, em janeiro de 1860 o terceiro, em agosto do mesmo anno o quarto, e o quinto em abril de 1861. O sexto está-se imprimindo e brevemente deve ser publicado. Estas datas não são inuteis, porque constituem testemunhos innegaveis da assiduidade do trabalho do sr. Innocencio.

Esteve interrompida a obra desde abril de 1861 até março

d'este anno, por se negarem ao auctor certas vantagens a que elle tinha direito, e em que julgava devia ser equiparado a outros mui dignos operarios do nosso templo litterario e scientifico.

Não quero narrar miudamente esse negocio, basta-me dizer que por deliberação do governo, e com publicas demonstrações officiaes, parlamentares e jornalisticas, muito honrosas para o auctor, lhe foi deferida a sua justissima pertença.

O instituto de Coimbra, o instituto historico e geographico do Brasil, e não sei quantas outras sociedades litterarias abriram espontaneamente as suas portas ao illustre bibliographo portuguez, e ha poucos dias a Academia Real das Sciencias resolveu chamal-o ao gremio dos seus socios effectivos, onde o conceito publico o julgava desde muito tempo collocado.

IV

Não passou sem criticas e reparos a obra do sr. Innocencio, e em responder a algumas d'essas censuras gastou o auctor horas e esforços de engenho, que todos lamentavamos ver desperdiçar em discussões pessoaes.

Não posso nem devo reproduzir aqui semelhantes questões, até porque sou devedor de attensões a ambos os contendores, e sempre me pesou de que os homens de letras desbaratassem em se aggreirem o cabedal litterario e o vigor de animo que tão necessario lhes é para se defenderem dos que não estimam a arte porque a não sabem, como dizia o nosso immortal poeta.

N'essas contendidas, que felizmente duraram pouco, confirmou o sr. Innocencio as provas que já déra de ser um vigoroso polemista, e um rude athleta para os combates de tal genero. A natural independencia do seu character, estimulada pelos brios da peleja, mal soffria as atenuações que o uso introduziu nas polemicas litterarias, e excitando o furor dos adversarios, aggravava consideravelmente a natureza da pendencia. Para honra de todos e para proveito publico, é licito desejar que se não renove, e que os que figuraram n'ella, esquecendo benevolmente as offensas reciprocas, se estimem e respeitem, como irmãos e confrades nos trabalhos da civilisação e progresso do nosso paiz.

Compondo e publicando o *Diccionario Bibliographico Portuguez*, prestou o sr. Innocencio Francisco da Silva um grande serviço ao mundo litterario, e especialmente aos estudiosos das letras portuguezas, enriqueceu as nossas bibliothecas com uma obra de subido mérito, e alcançando para si uma pagina brilhante

nos fastos litterarios de Portugal, preparou para o seu nome a immortalidade, que nem a compadrice nem as mercês officiaes podem conceder a um escriptor.

V

O sr. Innocencio Francisco da Silva, já tinha publicado antes do *Diccionario*, os seguintes trabalhos:

Relatorio lido na sessão solemne do anniversario da Sociedade Patriótica Lisbonense, em 9 de março de 1837.

Compilação dos versos de José Anastacio da Cunha, que appareceu com o nome de *Composições Poeticas*. Por causa d'este livro soffreu o sr. Innocencio um processo de abuso de liberdade de imprensa em materia religiosa. Foi absolvido, mas a edição supprimida.

Pequena Chrestomathia portugueza offerecida á mocidade estudiosa, Lisboa 1850. Esta obra foi approvada pelo conselho superior de instrucção publica.

No *Archivo Pittoresco* escreveu as biographias do morgado de Assentis, de Antonio Diniz da Cruz e Silva, de José Mauricio, professor de musica na Universidade de Coimbra; de José Ferreira Borges; de Francisco Xavier Monteiro de Barros; de Francisco Adolpho de Varnhagen; de Thomaz Antonio dos Santos e Silva, e de Francisco Joaquim Bingre.

Na traducção dos *Fastos de Ovidio*, pelo nosso insigne A. F. de Castilho, foi inscripta pelo sr. Innocencio a nota relativa á Sicilia, a qual tambem se imprimiu separadamente.

Desde 1836 até hoje encontram-se numerosos escriptos do auctor do *Diccionario Bibliographico*, no *Verdadeiro Amigo do Povo*, na *Revolução de Setembro*, no *Panorama*, e em muitos outros dos nossos periodicos mais distinctos.

Consta-me que o sr. Innocencio conserva inéditas as seguintes obras, cujo titulo é sufficiente para indicar a sua elevada importancia:

Memorias para a vida intima e litteraria de José Agostinho de Macedo — Em dois volumes de oitavo grande.

Memorias, ou annaes typographicos portuguezes — Catalago de de todos os impressores, que tiveram em Portugal suas officinas desde os ultimos annos do seculo xv até o fim do xviii.

Commentario ao *Hyssope* de Antonio Diniz, que comprehende mais de duzentas notas historicas, biographicas, criticas e philologicas (das quaes muitas são outras tantas pequenas dissertações etc.) — Para servir á nova edição illustrada, que

d'este poema pretendem fazer os srs. Castro & Irmão, a qual deverá entrar no prelo com brevidade.

Estudos e investigações historico-biographicos ácerca de Francisco Manoel do Nascimento, que devem formar um tomo.

Resenha das obras antigas e modernas escriptas por estrangeiros, com respeito á historia e coisas de Portugal. — Um volume.

Estudos biographicos ácerca de varios portuguezes e brasileiros, que se acham no *Archivo Pittoresco*, e ampliados convenientemente, poderão deitar dois bons volumes de oitavo grande.

Façamos votos pela publicação de tão curiosos escriptos, e pela conclusão do *Diccionario*, que talvez chegue a oito ou nove volumes.

VI

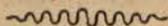
São inquestionaveis os titulos do sr. Innocencio Francisco da Silva á estima e veneração dos seus compatriotas, á consideração official, á gratidão dos homens de letras, e a tudo quanto póde favorecer, animar, distinguir e premiar o trabalho honrado, assiduo, bem applicado e convenientemente dirigido.

Folgo de exprimir aqui este sentimento geral, e de terminar assim este rapido esboço da vida e dos trabalhos de um dos mais illustres entre os meus contemporaneos.

Lisboa, 17 de maio de 1862

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

A CARTEIRA D'UM SUICIDA



m-meu amigo, que tinha conhecido muitos amigos infelizes, e tinha lido as minhas novellas, disse-me assim uma vez:

—Tenho observado que vossê inculca verdadeiras todas as suas historias,

—E vossê duvida?

—Duvido por que as acho verosimeis de mais.

—Isso é um absurdo, com o devido respeito. Pois, se as minhas historias fossem impossiveis, seriam mais possiveis?

—A pergunta formulada d'esse modo é irrespondivel; mas o que eu queria dizer não é o que vossê entendeu.

—Faça favor de se explicar.

—Lá vou. A verdade é ás vezes mais inverosimil que a ficção. O engenho do romancista con-

catena os successos com tanta logica e coherencia que o espirito não póde negar-lhes a naturalidade. As occorrencias advem tão harmoniosas, os successos filiam-se e reproduzem-se tão espontaneamente, que o leitor póde, sem desaire da sua critica, pensar que o romancista é muitissimo mais correcto e natural que a natureza. Ora agora,

o modo como as coisas reaes se passam, os disparates que a gente observa, o desconcerto em que andam a providencia do homem com o resultado phenomenico e sempre ordinario das realidades, isso, meu amigo, é que as torna inverosimeis e inacreditaveis, se vossê ou eu as contarmos com a simplicidade e nudez de que se ellas vestiram aos nossos olhos. Sei eu acontecimentos que relatados, como eu os presenciei, seriam incriveis, e compostos com a mentira da arte seriam as delicias do leitor, que julga só verdadeiro o que é possivel ter acontecido. Donde eu concluo que a arte é muito mais verosimil que a natureza, e que os seus romances são inacreditaveis por isso que são verosimeis. Se vossê estivesse agora de pachorra, lia-lhe eu um romance, que tenho n'esta gaveta, e que não ousarei publicar sem a certeza de que a moderna escola do verosimil cedeu a época á escola da verdade.

—Queira ler, se não tem medo que eu me' imponha da sua propriedade.

—Não tenho: faça o uso que quizer do que vai ouvir.

Disse, e tirou uma carteira da gaveta, e da carteira algumas cartas.

—O romance está aqui—proseguiu elle—De minha lavra tenho pouquissimo que lhe diga. Leia vossê essa carta.

Antes de a desdobrar, li escriptas a lapis estas palavras: *segunda carta*. Disse eu ao meu amigo:

—Olhe que diz aqui *segunda*: veja se tem alguma primeira que deva ser lida antes.

—Não tenho. Ahi principiam as inverosimilhanças da verdade: a primeira carta é segunda. Nenhum romancista de imaginação começaria o trecho da sua novella pela segunda carta; e, quando mesmo tivesse de adulterar a verdade, não faltaria aos respeitos de uma arithmetica verosimil. Ora leia lá a segunda que é a primeira.

Li:

«Se eu fosse pontual na promessa, que fiz, de lhe não escrever outra carta, seria mentiroso o amor, que lhe confessei. O amor da alma, que facilmente transige com o amor proprio, deve ser muito froixo e incapaz de sacrificar-se. Não a amo como vulgarmente se ama: deve, por isso, consentir-me a segunda culpa, ou a segunda impertinencia.

«Disse v. ex.^a que não conhecia a pessoa, que lhe escrevêra: era isso mesmo o que eu previra; similhante suspeita era a causa do muito que eu soffria, quando tirava do coração essas poucas linhas;

que deviam trazer-me um desengano. Veio o desengano triste e desanimador. Não me conhece. Equivale isto a dizer que eu tive a presumçosa vaidade de julgar-me distincto aos seus olhos, e concebi a loucura de me crer comprehendido não sei porquê, nem com que merecimentos. Ainda mais: esse não me conhecer é uma reprehensão justiceira ao meu orgulho; é o mesmo que dizer-me: não cuides que realças para ser visto entre tantas obscuridades, que passam desapercebidas debaixo dos meus olhos.

«Quer agora saber o que é um grande amor? É sentir o coração invulneravel, quando a vaidade sangra; é amal-a com a mesma ternura, depois do desengano que ultraja o amor proprio; é esquecer-me de mim e das minhas esperanças, para me só lembrar do grande valor da sua alma e do pouco que fiz para lh'a merecer.

«Conhece a sociedade, minha amiga?—Não repare n'este titulo, que lhe dou; tenho-a na minha imaginação, e considero-a minha: posso dar-lhe o nome que mais suavemente me sair do coração.

«Conhece a sociedade? Sei que não. Póde o seu elevado espirito adivinhar-a qual elle é; mas o que em redor de nós se ostenta, a hedionda miseria que por ahí se entraja de farrapos e lantejoulas, isso decerto o não conhece, minha amiga.

«Sabe, ao menos, como é o amor d'estes tempos?

«Não ousou interrogar, segunda vez, o seu coração; mas dir-lhe-hei, em nome da minha longa experiencia (fica intendendo que sou um velho, e tem razão) que o sentimento por ahí profanado com o nome d'amor, é raio de luz, que fere os olhos, e entra morto no coração; é luz que se extingue sem passar dos sentidos ao sentir intimo, chamado dedicação, confiança, sacrificio, e enlace de duas almas em vida inteira de lagrimas ou de contentamentos.

«Concorda n'este juizo, minha amiga? Pareceu-me ver-lhe um gesto de aprovação. Se eu estivesse ao aleance das suas palavras n'este momento, creio que v. ex.^a me apertaria a mão, dizendo: é verdade o que dizes: o meu coração reconhece a desgraçada exactidão das tuas idéas.

«E eu que serei?

«O que seria, no futuro, este amor tão sancto que lhe offereci? Seria o que justamente esta sociedade denomina absurdo. Seria o amor, que se crê feliz, quando faz o que as almas fracas denominam sacrificios. Seria uma vontade sempre ardente de lhe dar felicidade — que eu sinceramente creio que na vida de v. ex.^a ha desgostos, que só o coração e a intelligencia poderão mitigar.

«Disse-lhe o que seria. Quer agora saber o que fico sendo? O que até aqui religiosamente fui: um homem tão grande no soffrimento como na affeição; um seu intimo amigo que bem diz a Providencia

pela esmola da dolorosa saudade com que fico. Esta dor é um signal de vida no coração: não tinha outro, creia-m'o.

«Hei de procurar vê-la. Se lhe fôr indifferente a minha attenção, hei de suffocar o despeito, e attribuir sempre o desprezo ao nada que sou. Já vê que sinto não sei que prazer amargo em envilecer-me. Penso que o verdadeiro amor é assim: gosa exaltando quem o humilha.

«Se v. ex.^a me pedisse a primeira prova de dedicação, dir-lhe-hia que ha um symptoma que nunca engana: é a naturalidade, a clareza das palavras. O coração falla assim, minha amiga.

«Uma supplicã por ultimo: quando a sua alma estiver cerrada de trevas, n'uma hora de tristeza que faz da vida tedio, e a idéa do suicidio consolação, recorde-se de mim como de um homem, cujas horas são todas assim escuras.

«Verá então que é menos infeliz. Não posso desejar-lhe maior bem. Adeus.

—Ahi tem a segunda carta, disse o meu amigo.

—Mas vamos ao principio—respondi eu—Quem é este homem, quem é esta senhora, em que terra se passa o drama epistolar; a idade e profissão de cada um dos personagens?

—No fim direi o que souber e poder. O que eu não poder, será inutil pedir-m'o; o que eu não souber imagine-o vossê.

—Eu não imagino nada, meu amigo. Já agora quero ver como se escreve um conto verdadeiro, sem ser verosimil. E li a

Terceira carta

«Não falla o coração na sua carta.

«O soffrimento dá uma vista dupla. Vi-lhe a sua alma atravez das poucas linhas traçadas por um pulso onde passava o sangue quieto e regular.

«Isto não é accusação, minha amiga; é magua, é pena de mim mesmo; será mesmo egoismo até certo ponto.

«Não é a rasão humana uma coisa bem miseravel? Tenho no espirito a convicção de que não sou o homem que deve exercer na sua alma imperiosa influencia; reconheço-me vulgar de mais para abraçar a no amor que transporta e cega; escuto com triste complacencia a voz intima do juiso; e, com tudo, o coração insensato insurge-se contra a rasão, e doe-se por não poder vencel-a.

«Pois não aspirava eu a um dominio absoluto na sua vida?! Não imaginei eu todas as venturas, que podem gosar-se debaixo do céu, debuxadas na tela que até hoje a mão do futuro me escondia?

« Vou contar-lhe as minhas esperanças todas. Fallemos d'ellas como se falla de um morto, que deixou saudades.

« Tenho passado tres noites de vigilia, de febre, de delirio, talvez, encostado á mesa, em que escrevo.

« Conversava com a sua imagem ; sentia-me feliz n'este recolhimento ; dava azas á phantasia ; creava delicias como as que rebrilham e dou-ram a imaginação do homem virtuoso a quem o Senhor concedeu a prelibação do céo.

« O meu céo era todo n'este mundo, local unico onde elle existe, por que tambem existe o inferno cá.

« O céo era nosso, só nosso. Estavam ao pé de nós apenas as formosuras da natureza, que o nosso amor fizera mais bellas. Corria-nos a vida como um sonho feliz. Memoria do passado nenhuma tinhamos. Entre nós estava o anjo do esquecimento que nos não deixava corar um do outro. Era o nosso presente uma d'aquellas alegrias, que se respiram na athmosfera perfumada de uma manhã de estio. Era-nos o futuro uma visão esperançosa de contentamentos sempre os mesmos, um horisonte sempre sereno e luminoso do mesmo arrebol.

« Não a fatigue esta linguagem nimamente florida. Estou escrevendo como o coração scismava. Desdigo da naturalidade, por que me ergui um pouco das baixezas da vida real.

« Como haviamos nós chegado a esta situação, minha amiga?

« Eu lhe conto em resumo a outra chimera.

« Imaginei que tinha em si uma alma fervorosa a dizer-me em momentos de desafogo: O primeiro homem, que eu verdadeiramente amei, és tu. Uma corda havia no meu coração da qual ninguem tirára sons. Procurei o amor. É que eu sentia um vacuo de saudade e angustia por não sei que sêr essencial á minha vida. Enganada pela sêde, cheguei os labios á fonte d'agua, que me parecêra clara, e estava saturada de peçonha. Recuei horrorizada da perfidia das minhas esperanças, e cheguei a perguntar a mim mesma se a felicidade do amor era um prazer mesclado de dissabores, e acabado pelo tedio, e pelo esquecimento. Se alguma vez me pousou sobre o coração mão estranha, senti que o fogo d'essa mão não passava da superficie. A realidade ao aproximar-se de mim muitas vezes me atterrou. Nunca senti o arrojo de confiança que para ti me impelle; nunca experimentei este consorcio da alma que parece estranho ás sensações; nunca me senti, orgulhosa do teu amor, tão sobranceira á sociedade que me enoja. Sou tua.

Pareceu-me ouvil-a assim fallar, e recorde-me que esta era a resposta que eu lhe dei com lagrimas de gratidão: Serás minha por toda a vida. Sou mais que teu amante. Sou um amigo que reune os tres mais sublimes amores da terra — de pai, de irmão, de esposo, tudo

que ha, todas as affeições que podem conspirar para a tua felicidade. Creio que és rica; mas os teus cofres não encerram ouro sómente: ha n'elles muita lagrima, e o que não é lagrima são algemas, que tanto se fabricam de ouro como de ferro. Cospe n'esse ouro, e calca essas algemas. Sou só no mundo, e o mais rico dos homens. Dou-te o maior dos thesouros: o meu coração, a minha intelligencia, o incessante trabalho do meu espirito, tudo que sou, que posso, e que, pela influença miraculosa do teu amor, possa vir a ser.

«Quer a continuação do meu sonho? Não lh'a digo, que receio infastial-a, e feril-a.

«Ainda assim, arrisco duas linhas, e depois peço-lhe perdão.

«Lembrava-me que nos assentavamos sobre as raizes musgosas de uma arvore secular. Em redor de nós morava o silencio, e a alegria do céu e da terra. Comprimi-a ao seio, e fiz-lhe esta pergunta: Estás saciada do meu amor? Sentes no coração a falta de vida, que te quiz dar? A sua resposta...

«Basta de visões, minha amiga. Não me chame doudo, por quem é, nem romantico, que detesto essa palavra. Antes diga que muito d'alma a devo amar para me elevar tanto sobre o raso das minhas ordinarias meditações.

«O que lhe peço agora, é muito pouco: creia-me. É prazer para mim a certeza de que me estima, agradecida ao muito que lhe quiz.

«A nossa correspondencia não deve acabar. Chamou-me seu amigo. Ha de provar-me que n'essa conta me tem, fazendo-me confidente dos pesares que a mortificarem. Sentirá suave conforto, ao lembrar-se que tem no mundo um amigo sem restricções, quando o coração lh'o pedir.

«Por fim dir-lhe-hei que, se me pediu a sua carta por suspeita da minha probidade, peccou; mas não me offendeu. Vivo no foco mais illustrado e sujo da sociedade; sei o quê isto é; tenho presenciado com repugnancia a villania da ostentação; desculpo-a, pois, e devolvo-lhe a sua carta, sublinhando as palavras que não quizera ter visto.»

Segue-se outra, designada *quarta*, com a seguinte nota a lapis — 23 de maio de 1850.

Dizia assim:

«Espero amanhã uma carta da minha amiga. Ha de essa carta trazer-me uma grande dôr. Será mysteriosa a intenção; mas a linguagem clara para mim. Verei em seu coração uma saudade que a faz escrava de uma esperanza. Respeitarei tal sentimento, e terei a generosidade de não discutir até que ponto deve guardal-o. Imporei silencio eterno á minha dignidade por amor da sua. Não luctarei com essa saudade rival invencivel para mim. Honrosa será a minha retirada pedindo-lhe perdão de a não ter adivinhado. Ficarei sendo

para v. ex.^a o seu primeiro amigo, depois d'aquelle que lhe domina o coração. Deixar-lhe-hei de mim uma agradável memoria, e a estima que nos merece a pessoa que nos não offende. Dir-lhe-hei um adeus com amargura, e esse adeus será o ultimo.

Quinta carta

«Dir-lhe-hei um adeus com amargura, e esse adeus será o ultimo.

«Crença de cabellos brancos! Veja que puerilidade! Poderia eu dizer-lhe assim um adeus?! Devia rir-se de tamanho despropósito, se soubesse como a amo, como hei de amal-a sempre, e que funebre demonstração eu hei de dar ao mundo, se não a v. ex.^a, d'este amôr.

«Não se diz assim um adeus, quando vai n'elle a morte de uma esperança em que está a luz e o ar da vida.

«O final da sua carta de hontem convida a uma analyse demorada.

«Vai agora ver-me tal qual sou. E ha de rir. A dor moral tem desatinos que fazem rir os observadores de animo frio. Os padecentes denomina-os a critica loucos ou romanticos (que demonio de palavra!) Os chocarreiros são os filhos dilectos do senso-commum, as pessoas de tino, na giria da sociedade, tricana impavezada que arrasta a cauda do vestido, para esconder o dezaire dos pés modelados pelo tamanco.

«Quer saber v. ex.^a? Estava eu agora com excellente disposição para escrever coisas aciduladas e mordentes contra a sociedade! O epigramma, a ironia, o sarcasmo está a querer ressaltar dos bicos da penna. Contra quem não sei. Penso que é contra o meu destino, que chega ás vezes a fazer-me nojo de feio que é. Como imagina v. ex.^a a minha alma n'este momento? Escurissima? Não acertou, F... Tenho um clarão de alegria no espirito; é um clarão de luz infernal; mas é luz. Sabe porquê? Porque vou acceitar o seu conselho: vou fugir-lhe.

«Fuja de mim como de uma mulher, que não pôde dar-lhe a felicidade.

Foram estas as suas palavras, minha senhora.

«Devia ter o doloroso convencimento da verdade quem as escreveu. Quem aõ não accreditasse devia ter mui pouco penetrante o espirito.

«Fugirei, minha amiga. As suas palavras são para mim preceitos sagrados, qualquer que seja a significação terrivel d'ellas, velada pela delicadeza.

«Deixe-me ter um rasgo de vaidade, suppondo que v. ex.^a me

considera digno da sua estima. Deu-me nome de amigo. Já foi muito, foi demais para eu crer que não lhe tenho sido até hoje importuno.

«O que a minha amiga não póde é amar-me. E não póde (parece absurdo o que vai lér) por que accreditou as minhas cartas, viu que eu amava com a energia d'alma apaixonada, consultou-se, entendeu que eu a forçaria a egualar-me na paixão, fez-me a justiça de suppor que eu não poderia ser enganado, e resolveu affastar-se com senhoril delicadeza.

«Fez bem. Praticou uma rara e sublime virtude. Ainda lhe não chamei anjo: hei de por força chamar-lhe anjo agora.

«Fez bem. O fogo de minha alma havia de fazer-lhe mal. Julgaria em mim um insensato, por que eu, de joelhos a seus pés, não poderia ser uma repetição das phrases do dia anterior. Uma vez mostrar-me-hia creança embriagada de innocente felicidade; outras, havia de receiar que eu a roubasse a todo o mundo com a furia do delirio.

«Um amor assim seria funesto á sua situação. Grandes angustias poderiam sobrevir á minha amiga. No momento em que eu lhe visse o signal de uma lagrima, chorada por minha causa, no momento em que me dissesse: fazem-me soffrer por que te amo! ver-me-hia de joelhos pedindo-lhe que me acceitasse como irmão.

«Feri agora a sua dignidade? Póde ser por que ahi falta o amor que denomina virtude esta prova de extrema amisade

«Ora vê, minha amiga, que prudente foi em me dizer que não era a mulher da minha felicidade?

«É preciso, pois, fugir-lhe; mas fugir-lhe não é renunciar a escrever-lhe, a vê-la, a contemplar, noite alta, uma sombra que possa ser a sua, atravez dos transparentes. Não, que é preciso mais.

«Fugir-lhe é deixar esta terra, é devorar não sei em que solidão o veneno do desespero, sem maldizer a mão que m'o dá: é soffrer o inferno que soffre quem não póde chorar.

«Triste desenlace! se soubesse o que eu tenho sido para si! Se me adivinhasse ha dez... ha quatro annos! Se calculasse as situações amarguradas em que me tenho visto por sua causa!... Se soubesse de que heroismos tem sido capaz o animo de um homem, que a sociedade injuria á traição!...

«Ha na minha vida lances tão singulares em desgraça, com referencia á minha amiga, que se os soubesse; se lh'os eu contasse, amava-me: faria o milagre de achar dois corações em si.

«Agora, já posso dar-lhe um adeus com os olhos enchutos. La vai tudo quanto a desgraça me fez esperar. A esta agonia ha de seguir-se a prostração de longos tempos, se a morte bem-dita não vier. Não

vem. A maldição ha de continuar. Aceito-a com paciencia, e sirva ella de merecimento para que a minha amiga seja feliz.

Sexta carta

«Prophetisei a sua carta de hontem, e não prophetisei o seu silencio de hoje. Donde concluo que tanto se pôde ser propheta como tolo.

«No presupposto de que v. ex.^a aqui não manda mais, peço-lhe licença para enviar uma carta, que v. ex.^a rasgará com as outras. Se me lastima infeliz, rejeito a piedade.

Setima carta

«Queres o impossivel? Eu não sei dizer-te o que é esta transfiguração! Não cessaram as contracções violentas do coração desde que recebi a tua carta. Sahi do theatro ha duas horas: tenho esperado o momento da tranquillidade para te escrever. Chega a ser dolorosa esta alegria. Cá sinto os dezoito annos. Não amaria eu nunca? Serás tu o meu primeiro amor; o verdadeiro, o fatal, filha da minha alma?!

«Diz-me que comprehendes este desalinho de idéas. Diz-me que nunca homem algum te disse o que me sáe da consciencia como um juramento feito na presença de Deus. Adoro-te com mais vehemencia do que pôde o coração humano. Não quero que alguém tenha adorado assim. Diz-me que não. Jura-me que eu não seria acolhido em tua alma, se tivesses encontrado quem por ti sentisse este amor que me endoucece! Serei eu o teu amor de toda a vida? Não sentes que hei de preencher todas as tuas ambições?

«Esqueço que fui infeliz. Queria ter padecido mais para convencer-me de que és a minha recompensa. Tenho soffrido pouco para te merecer. Sabes tu quanto vales? Quero que tenhas orgulho do muito que podes. Quero que ouças a confissão do homem, que só tinha no coração a tua imagem, e no horisonte do seu futuro a tua sombra.

«Terei eu de perder-te? diz-me que não. Abre-me a tua alma com piedosa franqueza. Pinta-me o nosso futuro. Vem ao encontro do pensamento que me arrebatou a um futuro em que sejamos invejados do mundo. Não sonhas isto?

«Sou fraco, não pôde o coração com tanto. Aqui tens o homem que se julgava um cadaver. Fizeste de mim uma creança... Recorro á tua intelligencia para ser comprehendido. O que serei eu quando te sentir o arfar do coração!.. Será isto o preságio de grande infortunio!.. Se tenho de perder-te, despreza-me.

Oitava carta

«Queres que eu te diga o que li no teu rosto? Pareceste-me expansiva de contentamento. Li as alegrias intimas de uma alma que sabe que é adorada. Resplandecia d'esses olhos, unicos em formosura e expressão; o intimo ardor em que se ha de queimar o coração que ouvir as pulsações do teu. Mal te fitei nos olhos, temeroso de ser surprehendido. Eu não tenho nem quero «amigo intimo» de quem fie este segredo. Queria que toda a gente soubesse que te amo, e ao mesmo tempo escondo, como avarento, este thesouro.

«Manda-me as flores promettidas, e um beijo na rosa unica. Uma só.»

— Vejo isto bem encaminhado — disse eu recebendo outra carta.

— Leia, se não está aborrecido.

— Não estou. São toleraveis as cartas, á conta da sua simplicidade; mas não promettem catastrophe, que dê péga a um romanista. Se vossê me adiantasse uma parte do fim da historia, parece-me que eu iria lendo com mais curiosidade.

— Não adianto nada. Leia, se quer.

Nona carta

«Enganou-me, e eu não lhe merecia isto. Não ha liberdade na sua alma. Não me ama, nem já póde amar-me. Eu tinha accumulado desgostos sobre desgostos. Respirei uma hora contando-lhe o meu viver com lealdade e franqueza, que me espanta. Fallei-lhe sempre como se falla a Deus. Quando a via na minha imaginação, tocava-me o tremor do respeito.

«Procedi indiscretamente. Não devia escrever-lhe com o desassombro de homem que pensa encontrar um coração desligado de saudades ou esperanças. Antes de supplicar-lhe a sua estima, devia confrontar-me com quem lh'a mereceu. Se eu assim fizesse com despreocupação e consciencia, vista a minha incapacidade, convencer-me-hia de novo que está o impossivel entre nós.

«Está fria, fria de morte para mim!

«Um homem soberbo não faria esta confissão. Eu, humilhado pelo infortunio, até confesso o que me faz corar.

«Chamou ás suas flores um *adeus* N'essa intenção as recebi.

«Quando me erguer d'este leito, onde a febre me mortifica, irei buscar outro mais longe. Póde morrer-se aos trinta annos, saciado da existencia.

Decima carta

«Para a atrocidade das suas expressões não ha esquecimento nem stoycismo.

«Franqueza por franqueza. Eu não posso mais volver á felicidade que sentia, antes de receber a sua carta. Estava affeito ás desillusões; mas com tal crueza nunca as experimentei. A minha maior dor guardava-m'a a pessoa, que me chamou amigo.

«*Grande confiança tens na affeição que me inspiras!* — palavras suas. Isto offende o coração e a cabeça. Não sou orgulhoso; mas sou homem. D'este modo nem a um inimigo se dizem as coisas. A versão da sua phrase, se a ha mais baixamente litteral, é: *presumes muito de ti*. Não, minha estimavel senhora, não presumo nada. Por isso mesmo que lh'o disse muitas vezes, devera v. ex.^a abster-se de m'o atirar á cara.

«*Não sinto ainda paixão nem amor!* Estas palavras recebem-se; censural-as é um contra-senso. Tanto posso eu queixar-me de v. ex.^a que as escreveu, como de Deus que nos manda a morte. É a fatalidade. O que muito é de notar-se é a coragem da punhalada. Não devia assim desenganar-me. Tem havido algozes muito delicados no officio d'elles, minha senhora. V. ex.^a, se quizesse, podia tomar qualquer pretexto. Fosse qual fosse, havia de ser por força muito mais delicado. Certas franquezas, se as não adossarem o melindre, orçam pela barbaridade. A delicadeza é tão necessaria para a conservação do amor como para extinguil'o.

«*O verdadeiro amor só o dá a fascinação.*» É uma maxima de v. ex.^a Eu não fascino ninguem, minha senhora. Sou como a maxima porção dos homens; a maxima porção dos homens é que me faz a justiça de me julgar differente d'ella.

«*Pois a prova de grandeza da minha alma é esquecer-me de que v. ex.^a pôde ser minha?!* Que remedio tenho eu senão dar-lhe essa prova! É uma abnegação que se finge com mascara. A comedia do mundo tem d'estes heroes á força; eu, porém, sinceramente lhe digo que a amei muito para acceitar de boa vontade o heroismo. A minha amiga quer fazer-me sancto? Muito obrigado.

«Agora rio-me de mim proprio, e v. ex.^a, se quizer, pôde fazer o mesmo.

«Se eu fosse um homem cego pelo aneio dos mil prazeres que a posse da sua vida poderia dar-me, sabe o que fazia agora? Fingia esquecer as phrases da sua carta, acceitava a de amanhã como um desmentido á de hoje, e simulava a mais amorosa resignação aos caprichos de uma senhora tão opulenta de seducções.

«Não sou assim. Paguei franqueza com franqueza. Queria o seu amor, e queria — deixe-me ceder ainda a esta exaltação! — queria um amor virginal, porque a virgindade está no coração. Cite-me das minhas cartas uma palavra incoherente. Fallei-lhe sempre como já ninguem falla a Deus, e ás mulheres nunca fallou alguem, a não serem os parvos.

«Acabou tudo, menos o respeito com que pronunciarei sempre o seu nome, e o desejo de morrer pronunciando-o ao anjo bom, que não fugiu ainda de minha alma. A amisade desinteressada e duradoura faz estes prodígios.

«Não me comprehendeu: é o que foi.

Ultima carta

«Para que hei de illudir-me e illudil-a?

«Se lhe digo que sou seu amigo, creia-me, porque ha sentimentos de sympathia superiores á nossa vontade.

«Se para provar-lhe esta verdade me ordenasse um serviço superior ao que podia fazer-lhe um irmão, tudo faria com risco de vida, e pouco lhe dava, porque a minha vida é um poste de supplicio a que estou acorrentado.

«Disse-lhe que, lida uma sua carta, não podia volver mais á felicidade que sentia antes de a ler. É desgraçadamente certo. A minha alma está toda na ferida que me fez. Cahi.

«Bem podia eu pedir uma falsa linguagem aos recursos da minha imaginação. Respeito-a de mais para mentir-lhe. Tenho uma memoria infeliz; mas a sua carta está em letras de fogo.

«Minha amiga, eu creio que não haverá no mundo um homem que não a ame. Se haverá ahi amor como eu lhe dera, seria orgulho, se não pieguice, decidil-o eu. Eu sei cá mesmo se ainda assim era indigno de v. ex.^a!

«Tenha a certeza de que eu sei que esta carta a não faz soffrer. Já vê que o seu sorriso desdenhoso não é bem applicado.

«Ouça agora as reflexões que lhe faz um amigo, receba-m'as como conselhos, e zombe do conselheiro, se quizer.

«Olhe, senhora, se a sua vida precisa de uma affeição carinhosa nunca se dedique a pessoa por quem não sinta uma attracção forte e vehemente.

«Nunca se fie do amor que vem depois da posse.

«Faça por encontrar um homem de coração e de intelligencia; por que a estupidez mata o amor com a grosseria, e engana sómente a distancia.

«Se encontrar esse homem considere-o distincto, e não pense que o segredo de se fazer amar muito consiste em saber mortificar com pequenas ou grandes injustiças. Na maior parte dos amores mortos devia escrever-se este epitaphio: capricho.

«Ao homem, que lhe enviar temerariamente ou apaixonadamente uma carta, devolva-lh'a sem repostada, se um dia tiver de dizer-lhe que o não ama, nem authorisa a julgar-se amado, por demasia de confiança na affeição que lhe inspira.

«Estas reflexões bastam para que a minha amiga dê ao seu intelligente espirito o trabalho de as estudar. Occulto uma por delicadeza. Não estou authorisado a fazer-lh'a, minha amiga, por amor de si propria, e não deve querer ouvil-a.

«Se as rejeitar, poderá ser feliz no vigor da mocidade, mas os ultimos annos da sua vida serão cortados de amargura. Ha de volver os olhos ao seu passado, e ha de ver-me então, sem talvez saber em que oito palmos de terra eu durmo o somno eterno.

«É tempo de concluir.

«Dou-lhe um abraço de amigo, e um adeus com saudade e melancholia.

«Pela terceira vez lhe digo que não costumo chorar. As lagrimas de sangue não se mostram nos olhos.

«Sempre, e com não vulgar estima, seu amigo

— Não ha mais cartas, disse o sujeito.

— Vamos agora a explicações.

— As que eu poder dar, já lh'o disse.

— Primeiro de tudo, a mulher era cazada? Parece-me que adivinhei.

— Cubro a fronte purpureada de pudor, e digo-lhe que sim.

— Era formosa?

— Não sei; mas está aqui n'esta carteira uma poesia que esclarece as nossas incertezas. Queira vossê lêr, que eu não sei declamar versos, e receio que a ossada do poeta estremeça sacudida por alguma injuria ao rythmo:

— Li:

EM FRENTE DO TEU RETRATO

Como tu és bella e amada!
 Como a Circassia te inveja
 Os arcos negros, que enquadram
 Teus olhos, onde lampeja
 Fogo do genio e paixão,
 Faiscas vivas da lava
 Que te escalda o coração!

Na fronte lisa e escampada
 Que translucido talento!
 Que bello espelho do vago
 Volitar do pensamento,
 N'um orbe todo de luz

Em redor do ideal no bello,
Que te arrebatava e seduz!

Nos labios te nascem beijos
Como as espontaneas flores,
Beijos calidos ou ternos
Dos que refrigeram dores,
Ou abram sensações:
Beijos de mãe na ternura.
Beijos de amante em vulcões.

— Isto pouco diz. Dê-se, porém, de barato que é formosa a mulher. Posso saber d'onde é, e quem é?

— É da sepultura, e não é nada.

— Tragica resposta! Faz lembrar o *Ninguém!* de Fr. Luiz de Sousa, e o *qu'il mourut!* de Corneille. Então morreram ambos?

— Morreram.

— Homem! estou a temer que estas cartas sejam contagiosas, e lembro-me, se morrerei antes de saber a historia!... Diga lá o que quizer... Mas ahí está outro papel... Que é isso? pôde ver-se?

— Pôde: é outra poesia. Ahí tem.

Li a poesia. Volte o leitor a pagina, se a não quizer ler.

ERAS TU

Eras tu, irmã dos anjos,
Aquella imagem tão linda
Que eu recordo agora ainda
E tantos annos lá vão!
Eras a luz ondulante,
Que scintillavas errante
Quando em ancias delirante
Te buscava o coração.

Os meus olhos mal sabiam
Conhecer a formosura;
Mas a alma prematúra
Te sonhava linda assim!
No céo, na flor, que magia!
Não sei que era o que eu via;
Sem saber o que sentia,
Sentia o céo dentro em mim.

Eras tu! Lembra-me, á tarde,
N'aquellas horas d'amores
Em que o perfume das flores
Filtra vida ao coração.
Lembra-me ver-te indecisa
Como a sombra que deslisa
Nas folhas que a leve brisa
Beija em doce agitação.

Quando, mais tarde, a belleza
Os sentidos me encantava,
E a minh'alma se abrasava
N'outro fogo d'outros céos,
Via uns olhos, — ai! se via! —
Nas densas trevas, no dia,
E eu d'amor d'elles morria,
Que esses olhos eram teus

Que presagio! Era um mysterio,
Um fallar d'anjo invisivel,
Uma voz imperceptivel,
Que me vinha assim dizer:
Quando um rosto peregrino
Te der esse olhar divino,
Que ora sonhas, teu destino
É amar; depois.... morrer!

Eras tu! Já morta a crença,
A meia estrada da vida,
Julguei extincta, perdida,
A suspirada visão.
Muitos annos decorridos
Eram já, e já sumidos
Chorava os olhos, perdidos
Como a luz da salvação.
Muitas vezes me enganára.
A ancía d'elles, e eu ia
Beijar um rosto que via
Com olhos cheios d'amor.
Que dolorosa chimera!
Era lindo, mas não era,
Um certo olhar, que eu quizera
De queimar-me em seu ardor.

Eras tu ! Agora sinto
 Que o eras, anjo da vida,
 Porque sinto renascida
 A mocidade, a paixão.
 Era um impio atheu, e adoro ;
 Não tinha prantos e choro ;
 Era um cynico, e coro
 Quando aperto a tua mão.

Amor d'alma é isto. Oh ! crê-me...
 Nunca foste assim querida,
 Nem viste assim abatida
 Tão forte alma a teus pés.
 Sinto-me grande ao teu lado,
 Soberbo de ser amado...
 Podesse eu ser inspirado
 Para dizer o que és !

— Tem vossê a palavra — disse eu ao meu amigo.

— A mulher recebeu a ultima carta do poeta, e cuidou que no dia seguinte recebia outra, desdizendo da linguagem grave e fria do adeus que vossê naturalmente leu, pensando como ella. Como se enganasse. esperou tres dias, enganando-se sempre. Ao quarto foi ella quem lhe escreveu, segundo as informações que tive, ha pouco, de uma creada, que então estava na confidencia de ambos. Ao quarto dia, já o sujeito tinha sahido da terra em que estas obscuras e trivialissimas scenas se passavam, e viera parar a uma das minhas quintas, onde eu então residia.

Acolhi-o com muita satisfação: pedi-lhe a historia do seu ultimo anno, e elle respondeu-me que a ultima pagina de um máo romance era a peor de todas. Vi-o triste e contemplativo ; mas, a dizer a verdade, nunca o tinha visto com mais alegre sombra. Fallou-me algumas vezes de uma mulher, e d'isso conclui apenas que elle tinha gostado muito de uma mulher, que devia ser a quinquagesima da sua primeira paixão.

«Esteve em minha casa tres mezes, e sahiu de repente para a cidade d'onde viera. Li os jornaes que elle recebêra n'aquelle dia para descobrir alguma novidade que esclarecesse aquella subita sahida. Com effeito, nas locaes de duas gazetas, dava-se a noticia de ter recebido os sacramentos a exm.^a sr.^a D. Fulana de tal, esposa do sr. Fulano de tal.

Recebi no seguinte correio os mesmos jornaes, com a noticia de ter fallecido a mesma senhora de uma thysica tuberculosa, que arre-

batára no melhor dos annos uma esposa estremecida, cheia de virtudes e formosura.

Fui á cidade onde estava o meu amigo. Com muito trabalho, pude encontral-o no cemiterio publico, encostado ao gradeamento de um jazigo, onde se liam os appellidos da senhora que os jornaes deram morta.

Travei do braço ao homem, que parecia impetrado como uma estatua de adorno do jazigo, e levei-o para o meu quarto na mesma hospedaria, e disse-lhe tudo que o espirito socegado dos mestres de necrologio inventam. Ouviu-me silencioso, e eram mais os cigarros que elle fumava do que as phrases que eu dizia.

Decorridos tres dias, pedi-lhe que fosse para minha casa, e elle respondeu que iria, passada uma semana.

Por saber que a minha companhia o importunava, deixei-o andar sósinho, mas espiado. Soube que elle ia, todos os dias, ao cemiterio, e trazia alveneis a assentar as pedras de um jazigo. Fui ver as obras do meu amigo, e vi os pedreiros a abrirem uma sepultura simples com uma cruz tosca, á beira do moimento onde estava enterrada a senhora, já com um epitaphio em máos versos, se me é licito ajuisar de versós.

Receei que o meu amigo se suicidasse, e disse-lhe os meus receios. Respondeu-me com gravidade e socego que se suicidava. Não sei o que lhe disse; só me lembra que tive muito pouco que lhe dizer. Segui-o sempre, mas elle pediu-me com muita delicadesa que o deixasse, e não lhe tirasse as suas horas de solidão.

Cuidando eu que o salvava, com dizer-lhe que a morte de F. resultára de uma disposição hereditaria para a tísica — informações que me havia dado o proprio medico d'ella — o meu amigo respondeu-me que tambem assim o pensava, nem tinha interesse em pensar outra coisa. Isto era mandar-me callar, ou levar informações a quem m'as pedisse.

Quinze dias depois da morte da dama, cujo marido vi ha dias com a sua segunda mulher, o poeta entrou á meia noite na hospedaria, e escreveu poucas linhas sobre um papel, tirado da sua carteira.

Presumo que se deitou depois, e tomou serenamente umas pilulas como quem se medica para dormir.

Medicina fôra aquella que o fizera cair n'um somno d'onde ha de acordal-o a trombeta do juizo final. Se é certo este juizo final, espera-se que o meu amigo se levante com a sua mortalha ao lado da mulher por quem se matou. Escassamente medeia um palmo entre as duas sepulturas.

Esta carteira estava sobre a mesa, onde elle escrevera as ultimas linhas, que diziam uma coisa assim: «Sou fulano de tal. Quero ser en-

terrado no jazigo n.º..., cemiterio de..., o qual jazigo comprei em tantos de tal.» E nada mais.

Está dito tudo. Se vossê contasse a historia como a ouviu de mim, ninguém lh'a acreditava, porque é verdadeira. Ao meu amigo cumpre agora recompol-a com mentiras, se a quer fazer verosimil.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

DRAMAS DO MAR

Oh! combien de marins, combien de capitaines
Qui sont partis joyeux pour des courses lointaines,
Dans ce morne horizon se sont évanouis!
Combien ont disparu, dure et triste fortune!
Dans une mer sans fond, par une nuit sans lune,
Sous l'avengle Océan à jamais enfouis!

.....
.....
Où sont ils les marins sombrés dans les nuits noires?
O flots, que vous savez de lugubres histoires!
Flots profonds redoutés des mères à genoux!
Vous vous les racontez en montant les marées,
Et c'est ce que vous fait ces voix désespérées
Que vous avez le soir quand vous venez vers nous!

Victor Hugo (*Océano Nox*).

I

Pela enxarcia do brigue mansamente
gemendo louquejava a douda arajem,
á ondinha pacífica e dormente
segredos mil confiando, e mil queixumes;
 ao longe, na voragem
 do poente,
 saudoso pelos cumes
da vaga que indolente marulhava,
 o sol seus frouxos lumes
 espalhava!

II

O ceu é puro; nas longinquas plagas
que o horizonte limita, amortecido
 qual n'um desmaio
 o derradeiro raio
 de sol nas mansas vagas
 se apagou!
Sombria, torva, mystica,
por sobre as vastas solidões do mar,
mil sombras espalhando, mil mysterios,
a luz crepuscular
 dos ceus baixou!

Como é doce e suave em pleno oceano
a hora do occaso, o pôr do sol!
Quão maga é, quão grata ao peito humano
a tibia luz do pallido arrebol!

Que mysterios que encerra,
que sensações mil n'alma não desperta
essa luz morredia, frouxa, incerta,
que por instantes sobre as aguas erra,
e rapida se evade
com saudade,
ao mar, á noite, á terra
o horror deixando apenas e a grandeza
da sua magestade!

Quaes luzeiros, quaes lampadas por Deus
penduradas na ábobada dos ceus
myriades d'estrellas refulgiram.

Folgava a marinhagem
em extase aspirando a doce brisa,
que, louca na passagem
suspiros e saudades lhe trazia!
E o brigue deslisava mansamente
do oceano por sobre a face lisa,
que os milhões d'astros queda reflectia
na vastidão ingente!

Subito, de repente,
das bandas do poente,
uma nuvem pequena, opaca, negra,
subindo sempre, sempre, entumescendo
d'istante para instante,
qual hórrida visão torva e gigante,
a pura côr do ceu
e o brilho das estrellas
rapida escureceu.

— «A postos! Riza as velas
ferra a gavel!» — bradou o capitão,
rugando um pouco a fronte
e sondando o horisonte.
sem detensas, veloz
a maruja obedeceu,

após,
mal acabada
era a manobra,
medonha convulsão
em pugna ardente as vagas embatia;
e, sibilante, horrisona gemia,
rugindo, a voz do vento. — Era o bulcão!

Ai! rápida, veloz foi a mudança!
 Cavilosa, embusteira
 a pacífica bonança,
 que a tarde prazenteira
 e amiga promettera!
 Qual a fera,
 que occulta em funda gruta
 a garra afia, o dente experimenta
 vagarosa aprestando-se p'ra lucta,
 assim tu ó tormenta,
 do vedado aos humanos,
 do incognito nos intimos arcanos
 rügindo te occultavas!
 e aguardavas,
 em ira, em furia accesa,
 raivando em agonias,
 o momento
 em que cair devias
 sobre a presa!

III

Bramia o monstro as túmidas entranhas
 patenteando, que a morte vomitavam;
 eram as ondas hispidas montanhas
 que do ceu as abobadas tocavam!
 Ludibrio das rajadas, que as areias
 das revóltas e profundas
 cavernas do oceano revolviam,
 e roncando tristonhas, gemebundas
 pelo espaço em sibilos estrugiam,
 na cúspide das vagas
 pulava o fragil lenho sem governo,
 as moradas empyricas do Eterno
 co'a grimpa do g'rupez ora roçando,
 ora lá nos do abysmo
 mais reconditos seios mergulhando!

 Prostrada a rude gente
 socia das vagas, dos tufões, do p'rigo;
 essa que por-amigo
 o lenho só conhece que a consente;
 a angustia n'alma, a dôr, extincta a esp'rança,
 ao ceu olhos erguidos,
 pedia entre gemidos
 a Deus a vida, á Virgem a bonança!
 Debalde! a voz dos ventos

e o hórrido ribombo do trovão,
nossos tristes e supplices lamentos
suffocavam — pedíamos em vão!

De repente sentiu-se um como estalo
do brigue nas cavernas;
após convulso abalo
prôa a ré todo o lenho estremeceu!
Depois um grito unisono, um gemido
angustioso, profundo, repetido,
eccoou pela amplidão do escuro ceu!

IV

Ó lua, tu surgiste
saudosa, meiga, tímida, e subiste,
p'ra o mar olhando apenas!
Não qual nas noites mornas e serenas
sorrindo donairoza... ai, não! Foi triste,
veloce que passaste,
surpresa do contraste
que a rispida borrasca te offercia!

Nem paraste:

fugiste pressurosa...
arreceando... ai, ó lua!... mas tu viste...
viste, porque n'ess'hora

a nua fronte limpida e formosa,
aterrada entre as nuvens encobriste...
— Tu viste aquella mãe das mães modelo,
no momento em que a morte lhe acenava,
resoluta correr, cortar o espaço,
o filho caro, o unico desvelo
de sua alma, apertar contra o regaço,
(que a vaga qual serpente
corcoveando, já proxima, orvalhava)
e entre a sua e a vida do innocente
um osculo de mãe pôr de permeio!
Viste-a depois, unindo-o contra o seio,
qual se na mesma entranha que o gerára

occultal-o tentára,

olhares supplices, erguer ao ceu...

— a esse ceu que a vida lhe negava —
vã prece — a derradeira! — murmurar,
quando a onda voraz, sofrega e brava
p'ra os amagos do mar,
d'um impeto, d'um trago, ambos sorveu!

.....
.....

Sim, tu viste-os ó lua!
 e, ai!, viste-os depois
 unidos um ao outro, sempre unidos!
 mudos ambos os dois;
 cadaveres hirsutos, á flôr d'agua
 fluctuarem, nas dobras envolvidos
 d'ingente vagalhão,
 juntos sempre, abraçados, sempre unidos!

Ai viste-os, porque logo sobre os membros
 seus gelados, mil lagrymas bem tristes
 de teus olhos, ó lua, resvalaram...
 Aljofares que as ondas não tragaram,
 e que sobre o regaço
 da mãe e filho, por infundo espaço,
 fulgindo, quaes diamantes, rebrilharam!

Depois, apavorada
 no intimo das aguas, — pobre insonte! —
 pressurosa escondeste a argentea fronte,
 ermos de luz deixando ceus e mar.
 — Fugiste apressurada,
 p'ra não mais, lua amada,
 p'ra não mais n'essa noite ali voltar!

.....

.....

V

Consummada a tragedia inda não estava:
 d'estas victimas só não se fartava
 o indomito furor da tempestade...
 Depoz extensas horas de angustiar,
 que por um fragil fio
 a vida nos manteram entre o mar
 e as ignotas regiões da eternidade,
 os ventos amainaram; e a tormenta
 — qual obreiro que a lide feneceu,
 e os lassos membros ao repouso entrega —
 na linginqua parage onde rebenta
 a luz d'alva, rugindo se escondeu.

VI

Assomando garbosa no horisonte
 com o arrebol primeiro vespertino,
 uma vela, um navio surge além,
 como um amigo enviado p'lo destino!

Avistou-nos...

Ó jubilo, ó esperança!
 Após scenas tão lugubres, tão tristes,
 oh! nunca em nossas almas
 tão formosos, tão candidos floristes!
 Preces mais fervorosas,
 orações mais singelas
 ao Eterno dirigidas,
 ai! nunca na região lá das estrellas
 por Deos foram ouvidas!

Avistou-nos!... O panno todo, todo

à viração desdobra:
 bracêa; para nós a prôa entesta;
 e segue, e vem, ligeiro obedecendo
 à rapida manobra!
 Do brigue pouco dista;
 as formas, as feições do capitão,
 descobre-as, descortina-as nossa vista!
 E pára; e desce a lancha sobre as vagas,
 que espumantes se embatem,
 convulsas, em cachão?
 Ancioso cada um quer ser primeiro
 a lançar-se ao batel
 que á flôr das aguas brinca e salta inquieto,
 e move-se impaciente qual fogoso
 indómito corcel!

Emtanto, já cincoenta,
 cincoenta... e mais! saltaram p'ra seu bordo;
 mór num'ro o tenue lenho não auguenta;
 forçoso é pois partir.
 O cabo que o sustem
 n'um apice rebenta,
 e a lancha as vagas fende, corre e vóa,
 e ao barco salvador ligeira aprôa!
 Uns a nado pertendem-na seguir;
 porém,
 de certa morte
 o horrendo aspecto,
 junto á amurada, extatico, quieto,
 qual barreira, o mais avido detem!

Cincoenta estão já salvos!
 salvos d'um p'rigo; d'um! De outro maior,
 quem sabe? Talvez não.
 No esmantelado casco

do roto bergantim, quarenta e quatro, (1)
a esp'rança n'alma, as vistas no Senhor,
aguardavam em ancia a salvação!

Ó mar! ó ceus! jámais fostes theatro
de scena a esta igual em lucto, horror!
Dôr tamanha, e angustia tão profunda,
Nunca morte voraz é furibunda,
ó mar! ó ceus! ó brisas! vos mostrou.

VII

Do barco salvador a lancha parte,
de novo as aguas corta; na amurada
do brigue, immovel, resfolgando apenas,
em ancia sofreada,
silenciosa o restante

da gente a esp'rava sofrega, anhelante,
em tremendo angustiar!

Tremendo! porque o brigue soçobrando,
d'istante para instante
mais a amura nas ondas mergulhando,
rasa a borda já punha com o mar!

A aurora despontava: ai! viu-se então,
qual se da morte o braço
dos amagos do pelago surgindo
ao das areias humido regaço,
pela quilha o baixel subtil puxára;
o brigue, e gentil brigue,
pelo sulco que a morte lhe cavára,
sereno mergulhar... descer... descer...
a vaga abrir passagem,
na horrida voragem
immergir, e por fim... desappar'cer!

Ouviu-se um qual rugido
unisono, terrivel, horroroso
d'ira, suprema dôr, de maldição!
pelos ermos espaços
repetido,
repetido nos eccos da undosa,
horrenda solidão!
Após, supplices braços
exhaustos pela lucta o ar rasgavam,
e ao navio acenavam,

(1) Tal foi o numero das victimas no desastroso naufragio do brigue de guerra *Mondego*, em 1860, naufragio a que estes versos são allusivos.

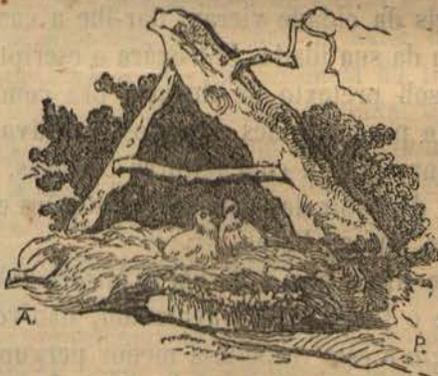
á lancha; aos ceus; ao espaço; á viração;
 ao ar; á luz do dia,
 que no horisonte fulgida irrompia;
 a Deus! a tudo! a todos!
 exorando a impossivel salvação!

.....
 Depois... a purpurina luz da aurora
 de rubra côr o vasto oceano encheu;
 e quando o astro, meio rosto fora
 do salso argenteo, nas inquietas ondas
 seus raios accendeu,
 —viu... destroços... cadaveres boiando...
 hirtos rostos... a aragem suspirando...
 lagrymas... mar... e ceu!

HENRIQUE VAN-DEITERS.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XVI



s despesas e rendimento de Manoel de Oliveira eram o que o leitor já sabe. A dívida á Misericórdia estava paga. Em quanto não voltassem recambiadas as letras de Hamburgo, não havia perigo que ameaçasse o credito da casa, mas para acudir a este pagamento já não restava o dinheiro confiado a Smith e Davis. A venda nos diferentes depositos de vinho e azeite só produzia as sommas necessarias para honrar a firma Oli-

veira e C.^a nas suas transacções ordinarias.

Henrique de Mello dispondo de tudo quanto possuía alem do que elle chamava *a reserva de minha mãe*, não reunia cabedaes bastantes para o pagamento integral das letras, e quando os chegasse a alcançar usando e abusando do credito pessoal para salvar o de Manoel de Oliveira, faltaria ainda com que acudir ás despesas ordinarias, e augmentar o movimento commercial da casa. E era inquestionavel que se aquellas diminuíssem, e este se restringisse, a causa ficaria desde logo patente aos invejosos da prosperidade do velho negociante.

Repoisava no animo grato de Salvador Lopes a única esperança de salvação, porém a somma indispensavel era tão avultada, e a gratidão anda tão magra e desfalecida n'estes nossos tempos de descaravel egoismo, que Henrique de Mello assustava-se com a idéa de que o futuro do seu antigo protector dependesse da caprichosa vontade de um homem, embora de condição benigna e honrada.

Era uma felicidade a demora das letras de Hamburgo porque dava tempo a meditar nos meios de salvamento, e a pol-os por obra, porém o susto de as ver chegar a cada momento não atormentava menos do que a propria apresentação d'aquelles papeis de credito. Henrique de Mello sabia que ácerca de algumas letras era possivel obter transacção por meio de novos contractos, ou por encontro de dividas, e n'esse sentido começára a querer fazer negocios que cobrissem a maior parte dos valores a cujo pagamento a casa estava obrigada.

Mas ou porque a quadra fosse aziaga para operações commerciaes, ou porque a praça ainda não tivesse inteiramente perdido a desconfiança que durante vinte e quatro horas se levantára contra o credito de Manoel de Oliveira, não foi possivel concluir transacção de vulto. Entretanto o correspondente de Hamburgo o sr. Samuel Kraft dava noticias mui especificadas da liquidacção de Bergenstein, porém ácerca das letras não escrevia palavra.

O velho negociante animado pelos testemunhos de estima que as auctoridades e pessoas respeitaveis da cidade vieram dar-lhe a casa, sabia ser egoista como um homem da sua idade. Entregára o escriptorio a Henrique de Mello, e ora sob pretexto de doença, ora com a desculpa da sua pouca habilidade para grandes negociós, passava a maior parte dos dias com D. Anna, que já com leituras curiosas, já com musica appropriada, o sabia distrahir das penosas cogitações em que ás vezes se abismava durante muitas horas.

Desde que o guarda livros lhe disse que a divida á Misericordia fôra paga integralmente logo que o thesoureiro a reclamou, não voltou mais ao escriptorio nem dirigiu a este respeito a menor pergunta ao guarda livros, nem a Henrique de Mello, Manoel de Oliveira não ignorava que esse pagamento era superior ás forças do seu cofre, e envergonhava-se de pensar que alguém sabia que elle empregára nos seus negocios o dinheiro da Santa Casa.

Este sentimento, o receio de maior catastrophe, e a magoa de ver arriscado o futuro de D. Anna, abateram-lhe o animo, e reduziram-o a um estado de atonia proximo da imbecilidade ou da meninice. Raras vezes accordava d'esta especie de lethargo, porém quando voltava a si, mostrava que o discernimento se lhe conservára em lucidez completa.

As suas relações com Henrique de Mello eram timidas, por mais que este tentasse inspirar-lhe força moral. O velho, sempre que o seu futuro genro voltava do escriptorio, cuidava que lhe vinha annunciar a impreterivel necessidade da fallencia, e a idéa d'esse golpe cortava-lhe o coração.

D. Anna vivia affastada de todas as noticias commerciaes, e empenhada unicamente em consolar o pae. O zêlo de Henriquê, o affectuoso respeito com que tratava Manoel de Oliveira, e a dedicação com que parecia esquecel-a a ella para cuidar unicamente dos interesses de casa, tinham elevado ainda mais aos olhos de D. Anna a nobreza de caracter do seu noivo. Ao amor antigo accrescera o respeito e a veneração sem os quaes não ha — não pôde haver — verdadeiro affecto.

Os passeios a cavallo já eram raros. Henrique lembrava ás vezes quanto cumpria não alterar os habitos da vida ordinaria para não suscitar suspeitas nos desconfiados animos coimbrões. Então mandavam apparelhar os cavallos, e sahiam D. Anna e Henrique a correr as ruas da cidade e as margens do Mondego.

Já não eram passeios, eram procissões. Não era divertimento, mas cerimonia de aparato. D. Anna meditava na tristeza inconsolavel do pae, Henrique nos negocios da casa. Ás vezes os olhos dos dois encontravam-se e diziam *amor* como antigamente, porém amor atribulado. Á noite Manoel de Oliveira recolhia cedo ao seu quarto, e os dois namorados ficavam na salla ou com visitas ou sós até á meia noite. Ali apesar da presença da tia diziam um ao outro os mil segredos, que só a paixão inventa, e que a sangue frio ninguem é capaz de adivinhar, nem de exprimir.

Ambos se amavam extremosamente, mas em qualquer dos dois o dever de acudir pela honra de Manoel de Oliveira predominava sobre todos os sentimentos sem affectação nem esforço. A educação material produzira em D. Anna effeitos iguaes aos que a severidade da consciencia causava no animo de Henrique. Almas delicadamente nobres, como o nosso seculo utilitario tem possuido poucas, e que se vão tornando cada vez mais raras!

Causou alegria geral em casa de Manoel de Oliveira a noticia de que Salvador Lopes ia chegar. O velho sentiu renascer a confiança inteira. Conhecia o character de Salvador, e sabia quão avultada era a fortuna que elle adquirira, e da qual o sr. Oliveira fôra a unica origem, e o vigoroso esteio. D'elle esperava pois oom segurança os meios de vencer a crise actual. A filha exultava só com ver o pae contente, e fazendo planos de vida socegada na sua quinta de Luzo, e Henrique folgava de ver o contentamento adejar, como borboleta mensageira de boas novas, em torno dos seus melhores amigos.

Henrique tinha grande esperança no auxilio de Salvador Lopes, até porque sabendo que elle passára em Londres, Hamburgo, Paris e Lisboa, e que só d'esta ultima cidade annunciára a sua vinda, calculava com rasão, que não lhe deviam ser desconhecidas as difficuldades da casa de Manoel de Oliveira. A carta que escrevera ao seu antigo patrão acabava com estas palavras: «Ainda bem que «Deus nos conservou a vida a ambos para nos abraçarmos depois «de vinte annos de ausencia, se não leva a mal que o abraçe o seu «antigo caixeiro, e que lhe mostre assim e por qualquer outra maneira, «quão lembrado estou de que a minha fortuna é obra sua, como o «foi tambem o socego dos ultimos dias da minha santa mãe.»

Estas palavras explicavam bem os sentimentos de Salvador Lopes de Souza. Nem careciam commentario. Henrique começava a presumir quem tinha obstado ao retorno das letras de Hamburgo. Na cidade o prophético instincto popular que raras vezes erra, adivinhára que vinha do Brazil o Salvador de Catanhede, como lhe chamavam, e que trazia grandes sommas para a casa de Manoel de Oliveira. Já Alvaro de Araujo fizera a este respeito duas visitas de affectuosa e alambicada curiosidade em seu nome e da mana Christina.

(Continúa.)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

DISCURSO

Proferido pelo Mtnistro da Marinha (Mendes Leal) nas sessões de 7, 9, e 10 de Maio do corrente anno

I



omeçarei por agradecer cordialmente ao illustre deputado, que terminou, o ter citado alguns pobres versos — meus não, enganouse, apenas traduzidos por mim do original de M.^{me} Annais Ségalas — em louvor e applauso da irmã de caridade no sincero exercicio das boas obras, que nunca ninguém combateu, que todos os povos têm admirado, que Portugal admira com todos os povos (*apoiados*). Agradeço a s. ex.^a o haver-me proporcionado tal occasião para apontar, e confundir, e demonstrar a suprema calumnia, que dá por inimigos da caridade os que assim a louvam, e engrandecem, e glorificam, e honram, quando ella é genuina e provada. Já se vê-se nós somos esses inimigos!

Ainda bem. Ahi está a prova insuspeita, dada por quem tentou arguir-me. Além d'esses versos, modestos como são, outros ha, esses de minha propria lavra, que escrevi a pedido de algumas damas caridosas, para um beneficio feito com o fim de minorar a profunda indigencia de outras irmãs da caridade, das irmãs da caridade portuguezas (*apoiados*), que os ricos e poderosos abandonavam, e que, para poderem alimentar uma existencia precaria,

precisavam socorrer-se, — ellas, verdadeiros symbolos de caridade, ellas promptas sempre ao aceno das angustias! — á caridade publica, ao óbolo adventicio, ao subsidio fortuito, á esmola emfim! Permitta-me tambem s. ex.^a que lhe recorde agora esses versos, porque n'elles egualmente elogiei, por que n'elles acatei, como sempre, a virtude da caridade. Nada escondo, por que nada tenho que esconder. Quer triumphar nas minhas contradicções? Aqui lh'as denuncio. O que eu nunca fiz, o que s. ex.^a não póde provar, nem provará ninguem, é que eu confundisse o instrumento com o braço, o pretexto com a causa, a apparencia com a realidade. Presto homenagem reverente á caridade christã, que sobe á mansarda do pobre, que vae ao leito do enfermo, que se desvella assidua pelo infortunio. Reprovo com o mesmo fervor e a mesma fé a politica funesta que se dissimula em caridade, (*apoiados*), porque vae a fim muito differente (*apoiados*)!

Mais tenho para agradecer a s. ex.^a a allusão que me fez, citando-me a auctoridade de Voltaire, e dizendo «que perante ella me devia eu inclinar» Está enganado. Nunca me inclinei. Não póde s. ex.^a, em quantos escriptos eu tenho publicado — e são alguns já — citar uma só phrase, um só conceito, uma só idéa, que, remotamente sequer, aucturise a insinuação que me dirige. Se seguisse a opinião de Voltaire, porque o occultaria? Não me seria concedida essa liberdade por quem tanto a estremece? Não poderia usar d'ella sem me expôr ás tyrannias implacaveis da diffamação? Mas não sigo. Tenho direito para o afirmar, porque está certificado em numerosas paginas. Não sigo, porque outro é o meu sentimento e outra a minha fé. Não me enfileiro n'esses espiritos fortes, entre os quaes o illustre deputado pareceu querer dar-me um lugar, que não acceito, que não devo acceitar, que s. ex.^a não demonstrará que eu tenha jámais accettato. (*Vozes: — Muito bem.*)

No primeiro dia em que se encetou este debate levantou-se do lado direito da camara outro illustre deputado, e referindo-se á memoria do meu honrado e virtuoso tio, o desembargador vigario de Santa Maria de Loures, Francisco de Borja Ferreira, mencionou a educação religiosa que recebi, e em que esse digno sacerdote cooperou. Ufano-me do testimonho, e fico profundamente grato aos predicados de «honra e virtude» reconhecidos áquella para mim sempre saudosa memoria, porque os tenho em conta de bem merecidos e plenamente justificados. É verdade. Colhi da bocca d'um respeitavel ecclesiastico uma parte da minha educação moral. Ouvi e decorei attentamente os seus preceitos. Tenho no espirito as suas maximas. D'ahi vem não me ser facil o equivoco. Esses preceitos, essas maximas não se parecem com muitas, que tenho modernamente ouvido, e, o que é mais, que tenho ouvido do alto do pulpito. Aquelle ecclesiastico prégava o amor, a paz, a misericordia, a indulgencia, o respeito ás leis, tudo quanto constitue a caridade do Evangelho. Outros — outros que tenho ouvido, repetido — prégam arrojados... que nem quero aqui referir, porque não se devem repetir entre legisladores. Aquelle ecclesiastico virtuoso e honrado — a quem tanto devo, porque lhe devo os principios de justiça pelos quaes procuro aferir as minhas opiniões e os meus actos — aquelle honrado ecclesiastico ensinou-me «que era a diffamação uma arma defesa, que era a calumnia

um abominavel peccado.» Hoje eu mesmo sou viva prova de como outros sacerdotes não hesitam em macular-se com tal nodoa. Hoje eu mesmo sou victima de calumnias taes, que não admire a camara se n'este momento mal possa vencer a minha commoção. Aquelle ecclesiastico ensinava-me a afeição á verdade, e na cadeira da verdade á diffundia a todos. Outros do mesmo estado arregimentam-se agora em bandeiras partidarias, propagam não a palavra de Deos, mas a palavra da rebellião, como opportunamente provarei, invertem e pervertem para fins mundanos as doutrinas do Divino Mestre. Ainda ultimamente, n'uma luta eleitoral, estes que cito, tornados agentes politicos, em vez de ministros do Senhor, proclamavam á credulidade dos povos ruraes que eu, — eu arguido por ter escripto esses versos, eu educado d'este modo — era um impio, um herege, que havia recebido uma cruz das mãos de um rei mouro (*riso*). É ignaro e risivel, não? É. Masha mais. E aqui não posso rir, porque me estremece a indignação, aqui ninguém rirá, porque a audacia da calúnia sobe a iniquidade. Ha mais. Acrescentavam esses: «que era eu tão perverso que nem caso fazia de meus paes!»

O illustre deputado, que primeiro abriu este debate, conviveu na minha familia. Sabe s. ex.^a, sabem-n'o aqui muitos, sabe-o toda Lisboa, como tenho sempre venerado e reverenciado meus paes, humildes, mas honrados. S. ex.^a póde declarar se é justo o horror que me treme na voz tendo de relatar negruras tamanhas. Nunca pensei ser obrigado a referir tão audazes aleivosias, e menos ainda ver-me na necessidade de repeller simillhantes agravos. Mas que! Se me foram feitos! Fizeram-m'os — aprecie-se — fizeram-m'os sacerdotes que assim mentiram, por um interesse profanissimo, a si, ao mundo, a Deos, e á consciencia!

Não terei eu direito de comparar esses com aquelle que o sr. dr. Beirão tão espontaneamente qualificou? Não terei direito de concluir que não são esses os ecclesiasticos segundo a Igreja? Não terei direito de essencialmente os differenciar, e cuidadosamente os distancear, do clero verdadeiramente piedoso, que do coração respeito, como respeitei o que para mim ficou sempre modello? Não terei enfim direito de separar as apparencias de caridade, cujos defensores fazem isto, das realidades da caridade, cujos apostolos fazem o que desde o berço me ensinaram a crer e amar? (*apoiados*). O pretexto de caridade, que eu combato, não é, como vedes, caridade, porque se funda no odio (*apoiados*). Benevolencia, affecto, fraternidade sollicita é a caridade escripta no Evangelho, consagrada pelos divinos exemplos!

A hora está adiantada. Para entrar na these do debate teria necessariamente de deixar cortado o fio á demonstração. Peço por consequencia que me seja reservada a palavra para a sessão seguinte.

II

Não foi sem trabalho que ainda hoje a palavra me chegou. Declaro que muito preferira ter tido occasião e tempo de terminar, na sessão de quarta feira, quanto desejava dizer. É custoso voltar a um assumpto interrom-

pido, com um dia de permeio, e tão pouco tempo já para continuar. A camara porém bem vê que nem dilato voluntariamente o debate, nem procuro abusar da sua attenção.

Em tres partes grupou as suas idéas o illustre deputado que me precedeu na ordem da discussão: 1.^a, ensino livre; 2.^a, apreciação da reacção; 3.^a, conveniencia das congregações religiosas no exercicio hospitalario, sobretudo de certa congregação. N'esta distribuição de doutrinas entreteceu s. ex.^a allegações accessorias, que não estão comprehendidas, nem no relatorio da maioria da commissão, nem no seu projecto, projecto que parecia dever ser corollario d'esse relatorio, e comtudo leva a consequencias oppositas (*apoiados*), que inculcava filiar-se n'aquella doutrina, e todavia essencialmente se affasta d'ella (*apoiados*).

Tratarei de examinar de per si cada um d'estes diversos pontos, assim na presença dos principios, que em tal questão cumpre genericamente applicar, como á luz dos factos, que n'este debate são de grande importancia. Permitta-se-me porém que, antes, me refira a algumas d'aquellas reflexões subsidiarias, a que já alludi.

Entre as considerações d'esta ordem em que o illustre deputado se alargou, ha uma citação ao sr. presidente do conselho, a quem peremptoriamente intimou para lhe responder a determinadas perguntas.

Posso affirmar a s. ex.^a que não terá que se queixar da «obstinação de silencio,» como disse, por parte do nobre ministro. Ha-de responder o sr. marquez, e cabalmente. Não o faz já por extremos de delicadeza para comigo. Por isso tambem nada mais direi a similhante respeito, porque não quero prejudicar a sua resposta.

Ponderarei unicamente em relação ás coisas que o illustre deputado tambem affirmou haverem sido *segredadas* pelo sr. presidente do conselho, que de certo se deu um grande equivoco no emprego d'essa palavra. Não podem ter havido coisas segredadas. Não podem, porque não ha n'isto segredos; (*apoiados*) não podem, porque se tivesse havido segredo e revellação, teria havido *inconfidencia*, e s. ex.^a, que tanto preza a delicadeza e os brios, não quiz seguramente macular ninguem com a arguição de tão feia quebra em taes predicados!

No que toca á politica seguida por aquelle cavalheiro, não é seguramente preciso, diante d'esta camara, que o tem visto sempre liberal e honrado (*muitos apoiados*), não é preciso, digo, intentar a sua defeza: está feita pelos factos (*muitos apoiados*). Depois que se acabaram as questões de mais Carta menos Carta, depois que o Acto Addicional firmou a paz entre os antigos partidos, todo o homem que pertença á familia liberal pôde e deve inclinar a cabeça ante um estadista, que tão constitucional se tem mostrado (*muitos apoiados*).

O illustre deputado, e erudito auctor do relatorio da commissão, principiou acatando o meu character. Supponho merecer-lh'o (*apoiados*). Nem os caracteres se respeitam senão quando se entende que o merecem. Principiou, digo, acatando o meu character, e concluiu... a camara toda ouviu de que maneira! Concluiu com pungentes sarcasmos *aos voltairianos*, dando a entender que eu o era; *ás prosas de Robespierre*, dando a en-

tender que as imitava nos meus escriptos; aos *espíritos fortes*, dando a entender que era eu espirito forte.

Custar-me-ia isto da sua parte, se os violentos epithetos com que logo fui injuriado, quando ha quatro annos comecei a tratar esta questão, me não houvessem habituado a consideral-os no que valem. Já então me chamaram impio e herege, argumento supremo com que n'este caso se responde quando não se póde dar outra resposta. Hoje as qualificações de voltairianno, de seguidor de Robespierre, de espirito forte, são por outros termos o mesmo que essas de herege e impio. Só não esperava escutal-as da bocca de s. ex.^a, onde com boa rasão me assombram. A suavisação das palavras nada tira á significação das idéas. O doesto intencional é o mesmo; apenas o modo diversifica. E essa imputação, que me espanta, energicamente, formalmente a confuto e rejeito.

Declarou s. ex.^a «que punha acima da prosa de Robespierre a poesia de Lamartine.» Tambem eu. E não só a poesia de Lamartine, mas toda a grande poesia dos nobres e generosos sentimentos. Ponho-a, sim, ponho-a acima da prosa de Robespierre; mas igualmente acima das prosas de Molina, e de Escobar (*apoiados e ápartes*), e de Marianna, e de infinitos outros. O illustre deputado tem lido muito, declarou-o aqui; mas os livros não se inventaram só para s. ex.^a. Tambem nós lemos, e entendemos o que lemos. E fazemos mais, não lemos só os livros de uma escola, lemos os de uma e outra, para apreciarmos onde está a verdade, porque a verdade só póde apurar-se na comparação d'essas escolas, e não com a licção absoluta e exclusiva de uma!

Seja-me licita mais uma instancia breve em assumpto já tratado. Julgou s. ex.^a dar a esta camara novidade citando em jactancioso triumpho uns versos meus em louvor das irmãs de caridade — uns pobres versos, que nunca esperaram ter a honra de ser lidos em tão illustre assembléa. Não era seguramente a magnifica poesia de Lamartine; era a poesia desambiciosa de um homem, a quem um arteficio oratorio quiz negar a pureza da fé. Que prova porém aquella modesta poesia? Prova apenas que esse homem sabe entender os delicados sentimentos da caridade, que sabe, como em toda a parte, acatar o sincero exercicio da mesma caridade, mas tambem, como em toda a parte, combater os pretextos d'ella.

Pensa porém a camara que o illustre deputado ganhou legitimas alviças relendó esses versos? Não. Vou mostrar-lh'o, e ao mesmo passo mostrar-lhe que lendo muito não leu tudo. Não ganhou, e só para o certificar a s. ex.^a torno a este ponto.

Já em 22 de setembro de 1858 dizia eu no *Jornal Mercantil*:

«Não ha muito publicavamos em honra da instituição das irmãs de caridade a traducção de um poemeto de m.^{me} Annais Segalas, todo consagrado aos seus louvores. Interpretando a poetisa franceza, escreviamos:

O triste, no seu leito acordando ámanhã,

Pensará que o vigia a propria mãe do Eterno:

Se não vê junto d'elle a irmã do lar paterno,

Encontra no hospital da caridade a irmã.»

Citava eu assim os meus proprios versos; denunciava-me ao publico; explicava-me; antevia e prevenia as usuaes e banaes incriminações; expunha com franqueza o que não era uma contradicção, mas uma justificação. D'este modo entendo que se deve proceder quando nada ha que encobrir.

No mesmo artigo continuava, adduzindo novos louvores á caridade, que a s. ex.^a esqueceram:

«N'outra occasião, sollicitando os soccorros publicos para esta mesma instituição, fizemos ouvir um cantico tão humilde como sincero:

«Vem dos céus ó caridade,
Vem ó mimosa dos céus;
Flor que brota a humanidade
No seio do proprio Deus;
Santa flor tornada em fructo,
Que onde mais negreja o luto
Mais perfume exhala a flor;
Flor, que nasce onde outras morrem,
Que onde mais os prantos correm
Mais tem o fructo sabor.»

Já vê o illustre deputado que effectivamente não deu á camara participação nova, ou coisa que se ignorasse, e de que me arrependesse, visto que *faz quatro annos* tinha eu mesmo declarado esta contradicção enorme.

Eis as minhas provas. Exaltei a virtude! D'onde inferis que a impugno? Glorifiquei o exercicio d'ella! D'onde conclus que eu tenha por exclusivo esse exercicio, e deva n'ella comprehender quaesquer ardis?

Agora uma ponderação. Quando s. ex.^a armou comicamente um gesto crivado de ironias, provocando a hilaridade da camara, não reparou de certo como toda essa hilaridade recaia fulminante em s. ex.^a, que na vespera havia feito a apologia das suas modificações. Acaso s. ex.^a queria o monopolio de modificar-se? Parece que sim. Parece que eu não tinha esse direito. Aqui está a egualdade, aqui está a liberdade como se exerce pelos seus mestres! O direito é um para uns, é outro para outros!

Pois não o uso eu assim. Todos se modificam, é verdade, porque todos devem aprender, e cada experiencia traz uma modificação. A sinceridade das modificaçoens prova-se porém pelas declaraçoens publicas e a tempo. Não é licito, não pôde ser licito glorificar-as em si, censural-as ou motejar-as nos contrarios. Em taes casos a applicação refuta a theoria.

Aqui teria eu oportunidade para inquirir: onde estam as prosas de Robespierre? Quereis inculcal-as nos meus escriptos? Procuraes, investigaes. Achaes ahi de algum modo, por algum indicio o espirito forte a quem arguis? o espirito *voltairiano* a quem accusaes? Não, não achaes; e se achaes mostrae-o. Onde estam pois, pergunto? Tenho, ou não, o direito de o perguntar? Terei?...

Vozes: — Tem todo o direito.

O Orador: — Tenho, mas não quero usar d'elle!

O sr. Casal Ribeiro: — Diga.

O *Orador* : — Não digo. E peço ao illustre deputado que me não provoque a fazel-o. Não o digo, porque reconheço deveras em s. ex.º a faculdade de modificar-se ; não digo, porque o não condemno ; não digo, porque a minha tolerancia é pratica ; não digo, porque a minha liberdade é igual ; não digo, porque o meu respeito é sincero ; não digo emfim, porque não imito a diffamação, nem simulo a generosidade, nem recuso a justiça !
 Passemos adiante.

Ao illustre deputado, a quem procuro seguir escrupulosamente na sua argumentação, com extrema curiosidade ouvi fazer a apologia das idéas liberaes de alguns cavalheiros, que se sentam n'esta casa, e que eu até agora julgava representarem outro partido, porque em opposição a nós todos com frequencia proferem aqui : — « a nossa crença, os nossos principios ! »

Escuso dizer que, sejam quaes forem esses principios, tanto que representam uma fé pacifica, respeito-os verdadeira e profundamente.

Declaro mais — a todos esses cavalheiros tributo a minha veneração — alguns são meus conhecidos de muitos annos. A um me ensinaram a acatar desde a infancia, é o sr. dr. Beirão. Outro, poeta eminente, orador distincto, discretissimo prosador, o sr. Antonio Pereira da Cunha, que julgo me ouve, é para mim amigo dilectissimo, quasi como irmão, a quem já em occasiões difficis, e arriscadas para ambos, tive occasião de provar que sabia, cumprindo os deveres, guardar incolumes os affectos.

O sr. *Pereira da Cunha* : — Apoiado. Eu darei testemunho d'isso.

O *Orador* : — Agradeço o apoiado do illustre deputado, porque vem de uma bocca tão leal como o coração. Bom é saber-se que estes desamparados de Deus têm amigos, que não se envergonham da sua convivencia, tem afeição e trato entre os homens, a quem não se póde negar nem o respeito de si, nem a respeitabilidade da opinião.

Como ia dizendo, ouvi participar : « estes cavalheiros são liberaes ; não se negam aos progressos do tempo, ás idéas da civilisação ; adoram a liberdade como nós ; reconhecem-n'a como nós. » Tanto melhor. Dou os parabens a mim mesmo, á nação, e a esta camara, que assim fez acquisiçoens em tanto extremo valiosas. Os honrados membros do partido a que me refiro professam porém, não sómente idéas politicas, mas crenças dynasticas. Pela nossa parte, quando jurámos a constituição, jurámos tambem uma politica e uma dynastia. Como estamos pois no mesmo campo ? E se todos somos igualmente liberaes, porque invocam elles o *seu principio* ? Pois o principio aqui não é a liberdade ? liberdade nas instituçoens como nas palavras ? Querem com effeito esta constituição, como nós, em todas as suas consequencias ? Aceitam a nossa liberdade tam exactamente, tam cabalmente, tam latitudinariamente como declarou o dignissimo relator da commissão ?

Peço-lhes que me deem a sua palavra. Basta a palavra. Juramento não, que se dispensa a homens de bem. Declarem se adoptam os mesmos principios constitutivos, a mesma crença dynastica ? Se não o declaram, entre elles e os liberaes póde haver convivencia honrosa, mas unidade de designios, mas unidade de fito, mas unidade de futuro, não, não o póde haver (*apoiados*), e a apologia fica sem significação.

Espero essa delaração previa, que nos deve guiar ou advertir ; espero-a

para saber se subsistem as discrepâncias antigas, ou se engrossámos as fileiras da liberdade com mais alguns novos e prestantes adeptos. Ha franca alliança, ou fito reservado? Ha escola diversa como até aqui, ou recente comunidade como se inculca?

(Pausa).

Silencio!

Silencio completo e absoluto! Muito bem. Este silencio é uma resposta. A camara ha de tomar nota d'elle. E a nação tambem! (*Longos apoiados* — *Sensação*).

Alliança ha, ha pacto; mas a unidade não existe; mas esses cavalheiros, que amam, que prezam, e querem a liberdade, amam-n'a, prezam-n'a, querem-n'a de outro modo, e para outros fins (*apoiados*.) Não comprehendendo por consequencia como por tal forma possa identificar-se quem tem tam oppostos propositos!

Impugnou o illustre relator o discurso do nobre deputado signatario do parecer da minoria da commissão, o sr. Ferrer, porque este disse: «no nosso porto não se admite mercadoria com essa bandeira.» Impugnou-o por entender que se referia ás pessoas. Não referia.

O sr. Ferrer: — É verdade.

O Orador: — E como podia referir-se, se as pessoas estão aqui? Aqui é porto franco para todos, como acertadamente deffiniu o esclarecido relator. Aqui porém não podem prevalecer, bem que se possam discutir e avaliar, nenhuns principios incompativeis com os d'este systema. Não podem, porque se de tal maneira entrassem, saíamos nós, e saiam tambem os que os deffendessem (*muitos apoiados*). Eis a mercadoria que a bandeira cobre! (*muitos apoiados*).

Entre pois a bandeira, respeite-se a bandeira, acate-se a bandeira, honre-se até; mas a mercadoria que ella conduz, essa que não desembarque, porque não póde admitir-se a consummo. A theoria do porto franco não chega até ahi (*apoiados*). Liberdade para todos, mas liberdade tambem para a liberdade! (*apoiados*).

A escola que s. ex.^a representa, depois das suas modificações... A respeito de modificações occorre-me uma anecdota que viria talvez opportunamente. Podia contal-a... Tambem não conto...

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos: — As anecdotas são admissiveis.

O Orador: — Mas não sam necessarias (*riso*).

Como ia dizendo, a escola a que s. ex.^a pertence actualmente pensa ter dito tudo quando, profundamente horrorizada, chama á liberdade revolução. Revolução! Pavoroso nome! Mas todos quantos aqui estamos somos revolucionarios (*apoiados*). Póde alguém n'este recinto negal-o? S. ex.^a, e os illustres deputados que tal nome indigna, que representam senão uma revolução? Não foi uma verdadeira revolução a que produziu a organisação politica actual, que todos os dias conquista novos dominios? Não foi uma grande e gloriosa revolução esta, que remodelou a sociedade continuando a obra do christianismo? (*apoiados*.)

Sejamos mantenedores firmes da ordem legal, da estreita alliança entre os principios da liberdade e da auctoridade; não consintamos ás facçoens

o direito de perturbação; mas não confundamos por um vão terror de palavras as pequenas insurreições de interesses com os movimentos grandiosos da humanidade, que tem igualmente dado origem a monarchias, e republicas e sob diversas formas tem constantemente cooperado na obra divina do progresso!

Insistiu o illustre deputado no panegyrico ás damas que exercem a caridade, ás irmãs de caridade de todas as nações, ás associações que tem por fim ostensivo a caridade. Se esse panegyrico é só áquella virtude, permita-se-me julgal-o escusado, porque está feito ha muito! Está feito por Voltaire, que s. ex.^a citou, por Victor Hugo, que citou o sr. deputado Beirão, e por s. ex.^a, e por muitos, e até por mim, o mais humilde de todos!

Mas quem impugna a virtude da caridade? Quem combate as associações de caridade por exercerem caridade? A Associação consoladora dos afflictos, a Associação protectora dos pobres, e quaesquer outras, quem as combate?

O sr. *Casal Ribeiro*:— Ninguem as combate!...

O *Orador*:— Faz favor de formular a sua proposição...

O sr. *Casal Ribeiro*:— Ninguem as combate! Lá está o relatorio da minoria.

O *Orador*:— O relatorio da minoria só condemna o pretexto da caridade. Se ninguem pois combate a caridade sincera, sobeja a defeza, tal defeza é pelo menos inutil.

Devo declarar a s. ex.^a e á camara que ninguem mais do que eu tributa sincero respeito ás nobilissimas damas que, présando as instituições de caridade, as auxiliam para levar ao asylo do pobre o soccorro e o conforto. Eu, impio, eu hereje, eu selvagem, na phrase do illustre relator, não lhes nego a minha homenagem por taes meritos, e creio que algumas d'essas respeitaveis damas me comprehendem melhor do que o mesmo illustre relator. Tanto comprehendem, que já uma das mais qualificadas me fez a honra especial de me commetter o epitaphio da chorada sr.^a duqueza de Palmella, que em tal virtude primou como distincta entre as distinctas (*apoiados*).

Estou convencido de que essas illustres senhoras nem suspeitam que possa tão pura e christã virtude servir de pretexto. E como hão-de suspeital-o, ellas que sinceramente a estimam e praticam? ellas que totalmente ignoram os arteficios partidarios? ellas que o recato do seu sexo affasta d'estas luctas? ellas que encerradas no lar, dadas todas aos cuidados e affectos da familia, entregues exclusivamente ao singello tracto e desempenho das virtudes domesticas, não podem assistir aos debates em que taes questões se ventillam, e onde os mysterios politicos se revellam, nem por tanto esclarecer e desenganar o seu espirito, naturalmente incredulo de todo o mal, facilmente careavel a todo o bem, até ás exterioridades do bem?

Não suspeitam pois. Não podem suspeitar. Para estas a caridade nasceu só para ser caridade, não se inventou para ser outra coisa.

Depois de tanto encarecimento dos prestimos e serviços das congregações religiosas, esperava eu tambem da parte de s. ex.^a, como conse-

quencia logica, achar nas disposições do contra-projecto uma que dissesse: «sejam admittidas em toda a parte». Pelo contrario, acho... *que ficam extinctas.*

E repare-se n'esta curiosa fórma de redacção: «ficam extinctas as congregações religiosas que obedecam a prelado estrangeiro»! *Ficam extinctas!* Como se as leis anteriores não as considerassem já abolidas na totalidade! Como se a proposta actual, a do governo pelo menos, não tivesse por fim revalidar disposições infringidas de facto, amplial-as a especies que se deram por duvidosas.

Mas ficam extinctas pelo contra-projecto as congregações na obediencia de prelado estrangeiro. N'este caso estão essas a que se allude. Logo fazse-lhes no relatorio um elogio pomposo para as proscreever na correspondente clausula dispositiva. Proclamam-se bemfeitoras da humanidade, e diz-se: «não sejam admittidas essas bemfeitoras da humanidade». Porque? Não deve ser o Estado essencialmente benefico? Era isto na verdade o que se queria concluir? É licito duvidal-o em presença das allegações preambulares, ou duvidar das allegações preambulares em presença da conclusão negativa.

Declarou-se tambem s. ex.^a amigo e admirador da liberdade e unidade da Italia. N'esse sentimento me congratulo com o illustre relator: só não concordo com a sua maneira de entendel-o.

Permitta a camara que n'esta occasião me exprima com a prudencia e reserva, que exige o logar que estou occupando, mas ao mesmo passo com a logica e a coherencia de um homem, que a tal respeito já expoz as suas idéas com franqueza que não quer retractar nem deixar em duvida (*apoiados*).

Ama s. ex.^a a liberdade e a unidade da Italia, mas não desejava para a realisar a invasão de Napoles por estrangeiros. Podia eu aqui perçuntar — quaes estrangeiros? os de Garibaldi? ou os de Borges? (*apoiados*). Supponho porém que s. ex.^a se referiu aos piemontezes. Ha uma pequena distincção. Se os italianos do Piemonte devem considerar-se estrangeiros para os italianos de Napoles, a estes cumpre dizel-o, não a s. ex.^a (*apoiados*). Cada povo tem direito de saber de que terra é (*apoiados*).

Admittido o seu principio, aonde ia, em que ficava o nominal affecto de s. ex.^a? Se os piemontezes são estrangeiros para Napoles, no mesmo caso estão para Florença, para Milão, para Lucca, para Modena, para Bolonha, para todos os estados que hoje constituem a Italia livre. Por tal fórma nunca a unidade se realisaria. (*muitos apoiados.*) Parece impossivel que as prevenções da paixão vão tão longa!

Voze: — É verdade.

O sr. *Casal Ribeiro*: — Parece que não sabe a historia contemporanea.

O *Orador*: — Buscarei provar a s. ex.^a que alguma coisa sei da historia contemporanea... e da historia antiga. Quer s. ex.^a que lhe repita o que diz a historia contemporanea? Diz: «quem sustentava em Napoles o poder destruido eram os bávaros e os suissos, e os estrangeiros eram esses» (*apoiados*).

Não ignora s. ex.^a a antiga existencia da Italia *una*, da Italia *mater*, muito anterior a todos esses impostos direitos, direitos mudaveis, que se estabeleceram depois. Esta a historia antiga. Não seria aquelle tambem direito? Terá mais virtude o ferroque o annullou, do que a opinião que o reconstituiu?

S. ex.^a, explorando habilmente, mas infelizmente, um sentimento sempre vivo no coração portuguez, disse: «não sanccionemos taes principios, porque põem em perigo as nacionalidades.» Creio que está enganado. Não ponhamos em perigo esses principios — digo eu — porque são eses que não permitem á espada dos poderosos talhar em protocolos a sorte das nações (*muitos apoiados*).

A livre expressão do suffragio é a salvaguarda dos povos pequenos. (*apoiados*). Ficarà sempre contingente a individualidade dos estados, se fôr permittido dizer aos filhos da mesma terra, nascidos da mesma origem, fallando a mesma lingua, glorificando-se na mesma litteratura, tendo todas as condições que definem a unidade de um povo: «tu és d'esta nação, tu d'essa, tu d'esta outra!» (*muitos apoiados*) A posteridade não distinguíu a naturalidade de Tasso, o napolitano, de Dante o florentino, d'Alfieri, o piemontez, de Metastazio, o romano. Chama a todos italianos. O voto illustrado faz hoje na Italia ás grandes cidades o mesmo que o mundo tem feito aos grandes homens! (*sensação*).

Este é o direito actual, este será o direito da Europa, este se funda na razão e na liberdade (*apoiados*).

Entraram os italianos do Piemonte na Italia de Napoles! Entraram. E por que? Porque em roda d'aquelle throno, que eu respeito no infortunio, mas não pude applaudir na prosperidade, estavam as bayonetas oppressivas em mãos mercenarias (*apoiados*), como ainda hoje está em mãos, pela maior parte estrangeiras, o facho que ali alêa e alimenta os horrores da guerra civil (*apoiados*). Onde quer que tal situação se reproduzã os libertadores serão sempre recebidos como irmãos!

Tristemente escudada e protegida teriamos a nossa nacionalidade, se nos entregassemos cegamente a esse direito, que no mappa risca arbitrariamente a divisão dos territorios, e reparte os povos pelas dynastias, dizendo a cada uma: «tomae, tomae vós!» Foi exactamente esse direito o que trouxe para nós sessenta annos... que não quero recordar! (*muitos apoiados*).

Tornemos porém á questão essencial. Da situação em que ella agora se acha provém uma grande utilidade. Esta ao menos é clara, e o equivoco só podia convir a quem na confusão utilisasse. Até aqui todos, de um e outro lado, enviavam as pobres irmãs, que impacientes zellos tornaram bandeira de guerra, de presente uns aos outros. Cada um dizia ao seu contrario: «sois vós, só vós, que deveras quereis as irmãs.» Hoje já se sabe quem as quer — como as quer — para que as quer (*muitos apoiados*). N'isto está tudo. Querer todos as quereíamos, se ellas não servissem para alguns de pretexto. O *para quê* é o importante, e esse ponto a seu tempo o averiguaremos.

Clamam-nos: «não suspeiteis.» Que vem a dizer esta intimação? Estão patentes os actos suspeitos, e não hemos de suspeitar! (*apoiados*.) Per-

siste-se obstinadamente n'uma resistencia incompativel com as leis do estado, hostile ao mesmo estado, e não hemos de suspeitar! (*apoiados.*)

Não só em Portugal se suspeita. Suspeita o governo francez, esse governo forte e illustrado, como ajustadamente o qualificou o illustre deputado. Suspeita-se em toda a Europa. Só não hemos de suspeitar nós! Porque?

Não ignora o illustre deputado como se effectuou a introdução das irmãs. Sabe como as clausulas, com que foram admittidas, immediata e subrepticamente appareceram violadas. (*apoiados.*) Conhece não menos a expressiva carta do padre Etienne. Egualemte lhe consta que esse mesmo padre, superior das lazaristas, esteve em Lisboa, e n'um documento singular (documento *não assignado*, que só á bondade do sr. patriarcha D. Guilherme devemos saber que era d'elle) declarou que as irmãs, posto haverem sido auctorizadas sob a expressa condição de *não formarem comunidade*, ficariam em obediencia ao seu prelado maior, em contravenção do ajustado, e apenas sujeitas á jurisdicção do ordinario *no que não infringisse a sua regra!* (*apoiados.*) Pela mesma fórma tem noticia d'essa regra, que as manda ser como a lima na mão do operario. *Quasi limam in manibus fabri.*

Póde a lima servir para os fins mais diversos, e não se hão de levantar suspeitas sobre este empenho pertinazmente seguido, clandestinamente realisado! Póde a obediencia *absoluta* annullar a obediencia *condicional*, e teremos por coisa indifferente esta violação das leis civis, esta quebra nos preceitos canonicos!

Não será tambem facto suspeito, por parte dos efficazes protectores das irmãs assim disciplinadas, o abandono em que jaziam as antigas filhas da caridade portuguezas? (*apoiados*) Essas irmãs exemplarmente praticavam os preceitos da instituição, como ninguem ainda ousou negar. Porque não permaneciam n'esta completa dependencia, porque não faziam parte d'esta potente organização, não havia para ellas attenção nem solicitude.

Não é tudo isto notorio? Que mais será preciso para crer, que bem acima do exercicio da caridade, já existente e assim desprotegido, estava, para certos intuitos, o poderoso instrumento de uma acção mysteriosa? *Limam in manibus fabri?*

Não se havia de suspeitar!

Vejamos como suspeitou a França, grande, potente, e illustrada.

Na sessão do senado francez, de 23 de fevereiro, mr. Billault estabeleceu a questão n'uma clareza, que não póde já admittir duvida. Com prazer ouvi o illustre deputado referir-se a esse magnifico discurso. Como porém s. ex.^a não leu senão uma pequena parte d'elle, permittir-me-ha que o complete citando outra parte mais consideravel (*apoiados.*)

Refere-se esta exactamente á organização tenebrosa e formidavel d'essas conferencias (*apoiados*), que s. ex.^a affirma não terem a menor afinidade com a corporação de que tractamos, mas que na verdade se ligam com ella estreitamente, vindo a formar um todo homogeneo, compacto, immenso já, que se compõe de conferencias no estado civil, de congregações na ordem religiosa (*apoiados.*)

No discurso a que me refiro diz-se o seguinte :

«Em contacto com as classes mais elevadas pela sua posição e influencia, em tracto quotidiano com as outras classes, operarios, aprendizes, e até militares, para os quaes multiplica a instituição as reuniões instructivas, ou *atrahentes*, a sua acção penetra por toda a parte».

Eis uma indicação terminante, eis uma dedicação perfeitamente innocente, da qual se não devem precatar os governos, mas que assusta, como se vê, um governo illustrado e forte!

Insiste mais o eloquente ministro do imperio :

«Será verdade que, para continuar estas boas obras nas diversas localidades da França, careça a mesma instituição de uma organização tão energica, tão concentrada, tão independente? Em caso de difficuldades, religiosas ou politicas, não poderia a influencia, conquistada hoje por beneficios, suscitar serios obstaculos?»

Que diz o illustre deputado a este periodo significativo? Suspeita ou não o governo francez? Tem ou não rasão para suspeitar? (*apoiados.*) Pois uma nação, que dispõe de 500:000 bayonetas e de grande força moral, um povo que vai na frente da civilização, revella as suas suspeitas por este modo, e não devemos nós fazer caso do que o sobressalta?... «São algumas pobres irmãs» dizeis. Não. São 3:400 conferencias dentro e fóra do territorio do imperio, sem fallar nas casas religiosas. São as *altas relações*. É a propaganda systematica. É a cummullação perigosissima. É a isempção resistente e audaz. É o *estado no estado!* (*muitos apoiados*).

Diz mais o sr. Billault :

«N'esta sociedade, por melhor intencionada que seja...»

Tambem salva a intenção, como todos nós.

«N'esta sociedade nada é publico, senão o que os seus chefes querem publicar.»

Aos que assim praticam a liberdade quereis entregar com o ensino o futuro d'ella? Poderão educar n'um paiz, que vive da publicidade, os que vivem sem publicidade, ou illudindo a publicidade? (*muitos apoiados*).

«Nos seus numerosos impressos e no seu jornal não dá conta senão do que lhe parece.»

Vozes : — Ora, ora! Podera!

O *Orador* : — A camara intende muito bem o que Mr. Billault disse, e os illustres deputados, que acham isto risivel, reparem que riem da mesma auctoridade que invocaram!

Não basta este documento do governo francez? Ha mais. S. ex.^a tem de certo conhecimento de uma circular de Mr. de Persigny, e de outra do sr. ministro dos cultos. Esses não chamam *selvagens* aos que suspeitam que na sombra das melhores obras se podem dissimular os mais perigosos designios. Esses intendem e confessam esta trivial verdade, que ao illustre deputado parece temerosa blasfemia.

Peço desculpá á camara, se a cançar com a leitura de documentos...

Vozes : — Não cansa.

O *Orador* : — Ha muito que estou costumado a só tractar esta questão perante documentos, e não o farei agora de outro modo.

Eis uma circular de 5 de abril proximo passado. É bem moderna, é d'este anno:

«Senhor Prefeito. — Pela minha circular de 25 de janeiro ultimo convidei-o a consultar as conferencias de S. Vicente de Paulo, do seu departamento, para saber se ellas queriam ser unidas entre si por um congresso central, formado da maior parte dos membros do antigo comicio de Pariz, tendo por presidente um alto dignitario da igreja, nomeado pelo imperador, ou se preferiam funcionar isoladamente como até agora.»

A esta parte já s. ex.^a alludiu, mas sem a ler. Supro essa falta lendo-a.

«Depois de alguma vacilação e de um praso muito largo, a maior parte das conferencias respondeu por fim — 88 expondo que acceptavam um alto funcionario da igreja nomeado pelo imperador, 766 declarando que preferiam funcionar isoladamente.»

«Em consequencia, d'esta resposta, e de accordo com o voto da maioria das conferencias, tenho a honra de communicar-lhe, que o governo considera terminada a regularisação das sociedades de S. Vicente de Paulo, cuja existencia legal fica desde hoje subordinada ao isolamento de cada conferencia, e á suppressão *de todo e qualquer laço central.*»

Esta — note a camara — é justamente a transacção em que s. ex.^a fallou. Transacção acompanhada de desconfianças e de precauções, como é evidente!

Um governo, forte e illustrado, repetirei sempre, foi obrigado a transigir com uma corporação, cuja importancia real tem sido aqui tão contestada, e que n'este documento se vê qual é na verdade. Foi esse governo forçado a transigir; mas transigia assim. Esta transacção, que s. ex.^a referiu, como argumento favoravel ao seu modo de considerar a questão, deve antes ser-lhe motivo para se não admirar de que outros governos, principalmente os de menos força, se precatem para não serem compellidos ao mesmo com risco maior.

Vozes: — Muito bem.

Antes de chegar ao extremo de taes transacções, a obrigação, creio, é acautellar para não ser levado a transigir (*apoiados*). Os direitos de associação não são unicamente adstrictos a taes corporações. O estado é tambem uma grande associação, com um jus maior, que se não póde pôr aos pés de nenhum grupo, sem transtornar as condições fundamentaes da sociedade. Pois que o todo comprehende a parte, a parte não póde prevalecer sobre o todo.

Continua a circular de mr. de Persigny.

«Julgo do meu dever por este motivo fazer notar um incidente, para o qual chamo a sua attenção. Por uma carta publicada nos jornaes, o antigo presidente do conselho geral declarou que este conselho, antes de dissolver-se, lhe tinha transmittido os seus poderes, tendo elle presidente a intenção de exercel-os sobre todas as conferencias, e que, no caso de morte ou de impedimento, delegaria os seus poderes a um comicio de tres membros estrangeiros, um belga, outro hollandez e outro prussiano.»

Rogo tambem a attenção do illustre deputado para o seguinte periodo:

«A despeito das leis, e apesar dos votos das conferencias, que desejam funcionar isoladamente, *pretendia-se pois fazer de todas uma vasta associação, governada por um chefe supremo, ou por outros estrangeiros, sem auctorisação e fóra da vigilancia do estado.*»

Note-se bem: *e fóra da vigilancia do estado.* Isto comprehende-se! Repita-se agora: «são algumas pobres irmãs! são apenas algumas associações!

Continua ainda a circular:

«Não tenho necessidade de lhe dizer, sr. Prefeito, que semelhante infracção das leis do paiz, *sejam quaes forem os pretextos caritativos ou religiosos com que pretendam acobertar-se, não devem ser tolerados pelo governo.*»

Repare-se cuidadosamente: *não devem ser tolerados pelo governo!*

Considere-se com imparcialidade: *sejam quaes forem os pretextos caritativos ou religiosos!*

Termina emfim a circular:

«Convido-o pois a communicar ás conferencias estas ponderações, e a prevenil-as de que, se chegarem a estar em contradicção com o isolamento por ellas mesmas escolhido, collocar-se-hão em flagrante opposição ás leis que regem as associações.»

Preveniui pois o governo francez que estas associações podiam dizer que faziam uma coisa e fazerem outra. Previu que podia ser pretexto a caridade. Dil-o o mesmo testemunho para que appellastes. Porque não intimaes a esse governo que não suspeite? (*apoiados.*) Não entendeu elle, como nós, que não podia sacrificar a grande associação chamada *Estado* a quaesquer associações que se introduzissem no seu seio (*apoiados*)?

Entremos no ponto principal, que a bem dizer todos resume. Existe ou não existe reacção?

Quem a negará? Não está ella visivel em todos esses documentos? Declara-se todavia que não existe, que é apenas um phantasma, uma creação de espiritos enfermos! Será, mas então acha-se enferma toda a Europa (*apoiados*), porque o phantasma está deante dos olhos de toda ella (*apoiados*)!

Encaremol-a nos seus proprios manifestos. Ignoraes a pastoral do sr. arcebispo de Tolosa? (*apoiados*). Quem vem no seculo XIX resuscitar as mais sanguinarias tradicções do seculo XVII? (*apoiados*). Quem suppunha possivel que n'esta época se ousasse bradar ainda: «christãos, catholicos, festejae a intolerancia, a traição, o morticínio, o fraticidio» (*apoiados*).

Onde apparecem provas taes a ninguem é licito dizer: «não existe reacção». (*apoiados*). Existe (*apoiados*). Eis a sua indole. Eis um dos seus actos (*apoiados*)!

E pensaes que é de hoje? Não é (*apoiados*). Citou-nos o illustre deputado os mais antigos liberaes da nossa terra — Rodrigo da Fonseca Magalhães, tão atilado e experiente — Passos Manoel, saudoso mestre de patrioticas dedicações — o visconde de Almeida Garrett, ante cuja memoria me inclino com a veneração, como sempre ante o seu espirito me inclinei com o respeito (*Vozes*: — muito bem.) — as reliquias emfim d'essa grande pha-

lange, que, por desgraça do paiz, se vae rareando cada vez mais, nas pessoas, nas tradições, e até nas doutrinas (*apoiados*). Julgou s. ex.^a que o escudavam taes auctoridades. Ellas mesmas nos vão mostrar como vem de longe a reacção, como procede, e como se expugna.

Quem governava este paiz em 1838? Eram justamente esses velhos e honrados liberaes. Em 1838, em nome do gabinete então existente, dizia o *Diario do Governo* o que vou ler:

«Chegará ainda a insania a querer profanar os objectos, os nomes sagrados, e a tentar convertel-os em meios de vingança e de exterminio? Temos a este respeito *uma grave desconfança*, e por isso muito desejaríamos que a denominada *Associação da fé* affastasse de si toda a suspeita *relativamente aos seus verdadeiros fins, dando a maior publicidade aos seus actos*. A sociedade *tem justos receios de tudo o que se lhe occulta*, quando todas as opiniões *podem enunciar-se franca e livremente*, á excepção d'aquellas que em si mesmas são immoraes e criminosas.»

Aqui vedes. Já então se suspeitava, e não era insania suspeitar (*apoiados*). A *sociedade tem justos receios*, diziam os liberaes de 1838 (*apoiados*). Viam a reacção onde a vemos. Accomettiam-n'a onde se manifestava. Havia só uma differença. Nenhum amigo das instituições chamava a isso *timidez* (*apoiados*), nem *puerilidade* (*apoiados*)!

Esses principios, que em 1838 os estadistas liberaes portuguezes invocavam, são exactamente os mesmos que os estadistas francezes defendem em 1862 (*apoiados*). Seriam pois esses homens de uma escola differente da nossa? Ahi tendes uma prova. Se quereis mais não faltam (*apoiados*).

Não ignora o illustre deputado as tempestuosas discussões de 1844 e 1845 na tribuna franceza. Tinha n'essa época voltado a França a Companhia de Jesus. Mais de vinte e oito casas se achavam estabelecidas ali, sem o necessario consenso da auctoridade, como se fez agora entre nós. Tinha a Companhia voltado a exercer funcções no ensino. O governo francez julgou cauteloso e prudente retirar-lhe essas funcções e fazel-a sair do paiz. E nem por isso foi reputado *selvagem* (*apoiados*).

Quem estava então á testa do governo francez? Era justamente mr. Guizot, outro auxiliar do illustre relator.

Direi agora não sómente o que fez mr. Guizot, mas o que fez a opposição liberal d'esse tempo. Não defendia ella o livre ensino, que hoje se inculca. Esse era defendido por mr. de Montalembert, e por mr. Berryer. O senhor deputado conhece as opiniões que representavam mr. Berryer e mr. de Montalembert (*apoiados*). Contra estes combatiam mrs. Guizot e Herbert, e com elles mrs. Dupin, Thiers, e Odillon-Barrot, posto serem adversarios do governo. Apesar de oppoentes eram liberaes: collocaram-se ao lado do gabinete contra a invasão reaccionaria.

Lerei só o que proferiu mr. Thiers, trazendo esta questão ao parlamento por meio de uma interpegação fundamentada, não para comprometter o governo, mas dar logar a que este se explicasse, mas para fortalecel-o com o voto da camara.

Dizia pois mr. Thiers: «ha hoje na ordem religiosa espiritos exaggerados, impacientes de toda a norma rasoavel. *Estou convencido de que esses*

vão procurar á congregação de Jesus a força de associação e de dominação. D'ahi procuram dominar o clero...

O sr. José Estevão : — Essa é que é a historia.

O sr. Pinto Coelho : — E' verdade, é essa mesma.

O Orador : — Parece com effeito que estas palavras foram escriptas para agora. Se em todos os tempos a escola é a mesma!

Em 1845 mr. Thiers, sinceramente liberal, sinceramente religioso, um alto espirito, uma larga concepção, não negava a existencia da reacção, reconhecia-a. Pertencia aos timidos? Pertenceria aos chamados espiritos fortes da religião? Não. Mas tambem não pertencia aos espiritos fortes da liberdade, que não são menos perigosos! (*muitos apoiados*)

«Creio tambem, continuava elle, que ides direitos á causa do mal, quando prudente e firmemente procuraes applicar as leis áquelles que, segundo todas as probablidades, são os provocadores da turbação a que assistimos. Se achardes difficuldades, encontrareis nas camaras uma adhesão forte e unanime. Não somos nós inimigos perfidos que venhamos dizer-vos: «arremee-vos ás difficuldades para termos o prazer de vos ver n'ellas.» Esteja quem estiver n'esses bancos, no dia em que para fazer triumphar as leis do paiz encontrardes estorvos, dar-vos-hemos os meios de vencel-os.»

Dizia isto o chefe da opposição, notae. Se encontrardes estorvos, dar-vos hemos os meios de vencel-os. (*muitos apoiados.*)

Eis o que fizeram os homens liberaes sempre que se tratou da liberdade. (*apoiados.*) Hoje que fazeis, vós, que os citaes?

Repare-se que já era uma questão de ensino, pela segunda vez renovada!

Em 1814, com a Restauração, tinham entrado na Companhia as esperanças de reconquistar o predomínio. Apesar do escandaloso processo do padre procurador La Vallette, em que fôra a mesma Companhia condemnada por uma fraude de tres milhões de francos, e expulsa da França, procurava sempre voltar, affrontando por todos os modos a lei do estado, como agora se affrontam as do imperio, como é costume e systema da Ordem em toda a parte!

Em 1818 o governo igualmente havia sido obrigado a attender aos gritos da opinião liberal irritada, posto não ser a politica dominante hostil ás ordens religiosas.

Que foram todas essas tentativas senão ensaios de reacção?

E não existe? Prosigamos. S. ex.^a, que lê tanto, não leu ainda o livro *Les libres penseurs*, escripto por mr. Veuillot? N'esse livro, que tambem assombra como se escrevesse no seculo XIX, n'esse livro os poetas, os jornalistas, os juriconsultos, as universidades são dados por entidades essencialmente nocivas, são tractados em phrase tal, que envergonha o bom senso, phrase que só tenho visto, por atroz irrisão, imitada em alguns jornaes, que tomam o nome de *catholicos*!

Condemno de igual modo todas as demasias da imprensa (*apoiados*), todas igualmente me repugnam. Mas se n'algum caso deve o tédio subir a horror, é quando se lê um escripto que em nome de um Deus de paz leva a violencia da linguagem ás ultimas raias do odio.

Ama s. ex.^a a poesia de Lamartine? N'esse livro vêem condemnados juntamente Lamartine, Byron, Homero, Virgilio, todos os genios fecundos, todos os sublimes espiritos. A imprensa inteira é ahi formalmente condemnada. Assim se infamam as instituições liberaes, com approvação e louvor da escola, cujas conhecidas argucias ouço repetir. E essa escola é justamente a que por este modo accommette as condições vitaes da liberdade, pedindo-a illimitada para si!

Não será prova de reacção tal propaganda? Quando accreditareis n'ella então?

Quereis mais? Tendes ainda duvida? Avançaes mais longe; subi mais alto. Ide aos templos, onde só devia ser ouvida a palavra de Deus. Ide, e dizei-me se não ouvis lá a expressão do rancor! Ide, e asseverae que não ouvis ahi insistir n'estas objurgações contra a sciencia, contra a imprensa, contra o que respeitâmos, contra o que presâmos, contra tudo o que jurâmos guardar e fazer guardar!

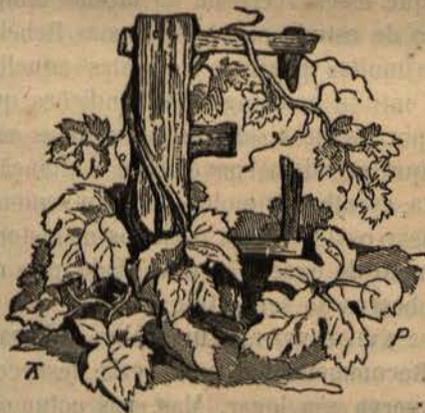
Não será ainda reacção? Será preciso, para que a reconheçaes, para que a vejaes, verdes aniquillada a liberdade, fechadas estas portas, proscripto o codigo fundamental do Estado? Só vos convencereis do mal depois de feito? Querer tal, seria promover, seria instigar a ultima ruina. (*apoiados*) Tão prolongada incredulidade tornar-se-hia mais que cegueira!

(*Vozes*: — Está a dar a hora).

Não continuarei por isso. Sr. Presidente, peço a v. ex.^a me faça a honra de me conservar ainda a palavra, posto que me seja custoso este continuar-se-ha oral. A camara todavia comprehende que não posso deixar de proseguir (*apoiados*.)

Vozes: — Muito bem.

CHRONICA LITTERARIA



facil e agradável a missão de chronista litterario, quando estê, ao sentar-se à mesa de trabalho, se vê rodeado de livros novos. Dá-se hoje o caso. Logo á minha esquerda me está chamando a attenção o segundo tomo da *Historia de Portugal nos seculos xvii e xviii*, por Luiz Augusto Rebello da Silva; em frente tenho os *Sermões*, do padre Malhão; e a pequena distancia dois romances de Camillo Castello Branco, *As tres irmãs* e o *Romance de um homem rico*. Ao lado d'estas ha mais algumas obras

espalhadas; mas não lhes citarei os titulos nem denunciarei os auctores em consequencia de me faltar espaço para as apreciações. Não concluem d'aqui que prescindo de as fazer; limito-me unicamente a addial-as para o numero seguinte. Lá desde já lhes prometto o primeiro logar, e para isso seguirei a ordem de inscripção que deixo feita. Agora reparo que os termos parlamentares me acodem espontaneos aos biccos da penna. Estarei eu com disposição para escrever um artigo de fundo? Era a primeira vez que tal me acontecia! Nunca subi ao primeiro andar do jornalismo, e já agora duvido que suba. Prefiro as discussões das sobrelojas, quando

os habitantes d'ellas sabem discutir, o que não é vulgar. E sel-o-ha na vi-
sinhança? Tambem não. Logo cá e lá más fadas ha.

Dito isto, que escusava dizer-se, e que se não diria, se não fossem aquellas
duas palavras que me escaparam, suscitando-me uma divagação e a diva-
gação é tendencia geral dos folhetinistas e chronistas; dito isto, vou im-
mediatamente abrir a *Historia de Portugal*, e registrar a impressão que me
causou a sua leitura.

Na pagina que se segue ao frontispicio e que o acaso me deparou agora
aberta lê-se: *A' saudosa memoria de Sua Magestade El-rei o Sr. D. Pedro V.*
Era um dever no auctor esta homenagem. Nem lhe podia esquecer com-
pril-o. Além do reconhecimento lh'o impor, pedia-lh'o o coração. E como
este lhe havia doer, ao traçar aquellas curtas linhas! Que gratas e pungen-
tes recordações lhe não avivaram! Mais de uma lagrima lhe rolou de certo
pela face, ao lembrar-se de como aquelle bom rei prezava ouvir-lhe as
suas lições no curso superior de letras. Lavrando pois, o nome do Sr. D.
Pedro V, no segundo volume da *Historia de Portugal*, pagou uma divida.
E não teceu ramo de perpetuas para accrescentar ao offerecimento. Foi
singelo como o respeito profundo e a magoa verdadeira. Para esmaltar uma
memoria basta gravar uma saudade.

Quanto ao livro, encerra todos os predicados que se exigem n'um com-
mettimento d'aquelle vulto e difficuldade. Minuciosa e bem dirigida inves-
tigação, exame consciencioso dos successos, descripção exacta dos factos.
Depois, as qualidades brilhantes do escriptor completam a valia do traba-
lho. Ha quadros esplendidamente traçados, em que o vigor do colorido real-
ça por tal fórma os acontecimentos, que estes recreiam ao mesmo tempo
que instruem. Tornar ameno um livro de estudo não é facil; mas Rebello
da Silva conseguiu tornal-o assim em muitas paginas, em todas aquellas
que o podia fazer, sem prejudicar o intuito nem fugir ás condições que
se exigem n'uns desenhos e retratos puramente historicos. As mesmas nar-
rativas são tão esmeradas na fórma que prendem suavemente a attenção,
aguçando o interesse. Rebello da Silva, escolheu o molde mais conveniente
ás exigencias da época para n'elle vasar os differentes periodos da historia
que tinha a desenvolver, não os privando de exactidão e verdade, mas re-
alçando-os pelos finos e preciosos arabescos do seu estylo.

A *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, é uma obra valiosa e
um bello serviço prestado á nação. Recommendal-a, pois, seria desneces-
sario; toda a livraria escolhida lhe reserva um logar. Mas, nas columnas
da *Revista Contemporanea* era um dever mencionar o seu apparecimento,
e foi esse dever que eu cumpri.

Segue-se noticiar a segunda edição dos *Sermões* do Padre Malhão. É uma
boa nova e que será acolhida com alvoroço por todos aquelles que ainda
os não possuíam. A primeira edição esgotou-se rapidamente, o que não ad-
mira. Era grande a reputação do nosso primeiro orador sagrado; era gran-
de tambem o intuito da publicação. Eis o intuito conforme o apresenta
n'umas breves linhas de advertencia o nosso chorado sacerdote.

«Não foi a ambição que me inspirou o pensamento de imprimir a serie
de Sermões que offereço ao publico, mas o desejo de acabar uma obra de

reconhecida utilidade religiosa e social: a fundação da igreja no lugar do *Olhomarinho*, pertencente ao concelho da villa d'Obidos, consagrada ao «Santissimo e Immaculado Coração de Maria.»

Acções semelhantes não se commentam, registam-se unicamente.

Nada mais direi sobre o merecimento das bellas orações que annuncio, e que me deixaram cheio de admiração, pois só uma d'ellas conhecia, — a pregada na igreja de S. Vicente de Fora, por occasião das exequias que se celebraram pelo eterno descanso da alma do sr. conde de Barbacena — nada mais direi, repito, porque n'este volume da *Revista*, ha de apparecer o retrato do nosso primeiro orador sagrado, acompanhado da sua biographia. É uma homenagem devida, e que sempre foi nossa intenção prestar.

Mais dois romances de Camillo Castello Branco! Já citei os titulos; direi agora antes de lhes esboçar a analyse, que foram escriptos com intervallo de dias. Aquella imaginação é privilegiada! Parece que ali a chamma nunca se apaga; mas que se incendeia cada vez mais! Póde obrigar-o a depór a penna o cansaço do corpo ou a mingua de saude; mas não que o abandone a fantasia. É uma torrente! É um vulcão!

No *Romance de um homem rico*, ha scenas tocantes, ha profundo sentimento, ha notaveis bellezas. É a meu ver, o livro mais meditado e mais conscienciosamente escripto de Camillo Castello Branco. Tem paginas admiraveis, que captivam pela singeleza e elevação do estylo. O typo do protagonista está desenhado com mestria. É o modêlo da abnegação.

Amou uma vez, e viveu toda a sua vida d'esse amor, que nunca lhe recompensaram. É uma historia triste, dolorosa, cortada d'angustias e rica de sacrificios.

Profetisando a este livro um exito igual aos melhores que tem sabido conquistar o sr. Camillo Castello, creio não me enganar.

As *Tres Irmãs*, ainda que na contextura geral diversificam inteiramente do *Romance de um homem rico*, apresentam todavia um ponto de contacto. Ambos tem um symbolo de abnegação. O *romance de um homem rico*, é a abnegação pelo amor, no homem. Nas *Tres Irmãs*, ha um typo de abnegação pela amisade, na mulher. Esta só vive para a familia, e na familia resume todas as suas affeições. Impressiona docemente a leitura d'este livro. Todas aquellas scenas intimas fallam ao coração. Depois ha sempre interesse na acção, que se complica a cada instante, proporcionando bellas e pungentes situações. Mas tudo isto cheio de verdade, que é o condão do talento de Camillo Castello Branco, tanto que o authorisa a dizer: «eu copio, não invento.»

As *Tres irmãs*, é finalmente um livro para senhoras, e todas devem tê-lo na sua estante. Raras vezes apparecem tão dignos de se dizer d'elles:

La mère permettra la lecture à sa fille.

Dentro em poucos dias o intelligente e bem acreditado editor Pereira, publicará mais um romance no genero humoristico intitulado *Coração, Cabeça e Estomago*, tambem de Camillo Castello Branco.

Creio que breve poderei igualmente festejar a estrêa no romance de uma

vocação litteraria, já conhecida nas lides jornalisticas. É o sr. Manoel Rousado que escreveu *Os agiotas de Lisboa*. O titulo é para despertar curiosidade.

Sou obrigado a fechar aqui as novas litterarias para cumprir um dever não do chronista, mas dos directores. É em nome dos directores da *Revista Contemporanea*, que peço a palavra para uma explicação?

Fazendo de conta que me foi concedida, direi que a explicação versa sobre o motivo que nos levou a substituir a chronica politica, pelo discurso do ministro da Marinha, o sr. Mendes Leal.

O motivo foi: primeiro porque sympathisamos com as idéas ali expendidas; segundo porque o prestigio e popularidade que tal discurso granjeou nos conveceu que seria desejado e bem recebido pelos leitores; terceiro, por que além de ser um discurso notavel pelo assumpto, é igualmente grandioso pela fórma e elevação litterarias.

Remataremos dizendo que o discurso foi esmeradamente corrigido pelo orador.

ERNESTO BIESTER.